

ESTRUTURA DO LIVRO

ACADEMIA SERGIPANA DE
MEDICINA

CAPÍTULO 1

SAÚDE E MODERNIZAÇÃO: OS REFLEXOS EM SERGIPE

Instituto Parreiras Horta
Hospital de Cirurgia
Hospital Santa Isabel
Instituto de Tecnologia e Pesquisa de
Sergipe
Maternidade Francino Melo / Hospital
Infantil

CAPÍTULO 2

SOCIEDADE MÉDICA DE SERGIPE – SOMESE

Criação
Augusto Leite
A importância da SOMESE na sociedade
sergipana

CAPÍTULO 3

FACULDADE DE MEDICINA DE SERGIPE

Antecedentes Históricos (Panorama
Brasil / Nordeste)
Criação
Ato de Criação (solenidades)
Fundadores
Estrutura acadêmica /Vestibular
Primeira turma
As turmas da Faculdade (cotidiano)
A criação da UFS

CAPÍTULO 4

OS CONSELHOS DE MEDICINA

Conselho Federal de Medicina
Conselho Regional de Medicina
OBS: Diretoria de Saúde Pública
(Conotações Políticas)

CAPÍTULO 5

SINDICATO DE MEDICINA DE SERGIPE

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 1

SAÚDE E MODERNIZAÇÃO: OS REFLEXOS EM SERGIPE

A passagem do século XIX para o século XX foi marcada pelo ideário de modernização, progresso e civilização no Brasil. Contudo, essa transição possuía algumas ambigüidades com traços bastantes ainda coloniais e incorporação de novos elementos modernos. E como cartão –postal dessas mudanças, algumas cidades, especialmente as capitais, sofreram um conjunto de intervenções que mudaria os hábitos, costumes, comportamentos e valores da população. O conhecimento do contágio e das teorias pasteurianas no final do século XIX e início do século XX suplantava gradativamente as teorias do animismo ou do vitalismo, contribuindo para a noção de saúde, modificando as atitudes da sociedade e reorganizando os costumes sociais. Inexoravelmente, o discurso da medicina proveniente das pesquisas científicas ainda convivendo com os tratamentos laicos tem supremacia sobre a medicina desprovida dos conhecimentos fisiopatológicos e das práticas de cura populares. Cada vez mais eram substituídos os métodos de depuração sanguínea através das lancetas ou das sanguessugas com o objetivo de retirar o “sangue ruim”, os amuletos, as rezas, as mesinhas, os unguentos, os rituais supersticiosos. A medicina demonstrava a sua capacidade de curar com eficácia, de afastar os incômodos dolorosos, contribuindo para sustentar a moral do doente, evitando os excessos e as transgressões do corpo. O discurso da medicina oficial se tornava iluminado pelo combaté eficiente aos micróbios, recomendando água limpa, sabão, medidas higiênicas de lavar as mãos, o corpo e as dependências da casa. Passou a

existir a noção do risco do contágio, estabelecendo em definitivo na prática as teorias do agente biológico, do micróbio causador da doença. É necessário entender que esse conhecimento científico não foi apreendido rapidamente pela população, pois apesar de comprovado o agente da tuberculose por Robert Koch em 1882, somente tempos depois foi aceita definitivamente nos centros acadêmicos da Medicina. É certo que predominava a ameaça mórbida do meio ambiente, entendidas como miasmas e pouco se dava importância ao contágio através das relações sociais. As novas teorias trazem profundas modificações de concepção de saúde, tornando-se necessárias medidas sanitárias rígidas e imperiosas no meio ambiente, com predominância da ação pública sobre o campo da vida privada. A idéia que o setor público podia intervir sobre as condições de saúde da população, desenvolveu-se a partir do final do século XVIII.¹ Johann Peter Frank(1745-1821), um dos maiores higienistas daquele século, dedicou-se ao estudo das influências do meio sobre a saúde física e advogou a tese revolucionária de que cabia ao Estado, formulador de política de saúde, manter a saúde dos seus cidadãos.² Apenas a partir do século 19 é que a cidade começa a ser estudada e problematizada. A Revolução Industrial produziu centros urbanos degradantes e miseráveis (ex. Londres, Manchester, Berlim...). A cidade é concebida como um centro de tensões, aonde milhares e até milhões de migrantes do campo afluem a procura de trabalho nas indústrias, sendo alojados em condições subumanas, sem as mínimas condições de

¹ Scliar, Moacyr. A Paixão Transformada. Rio, Companhia das Letras, 1996.

² Sigerist, H.E., A History of Medicine, volume I, Oxford, Oxford University Press, 1979.

higiene, e explorados pelo capital industrial.

Nesse contexto, a cidade passa a ser vista sob um aspecto técnico: a partir de dados como crescimento populacional, atividades produtivas, circulação e troca de mercadorias, questões de salubridade, etc., vê-se a necessidade de avaliar a cidade diante da miséria e de propor soluções.

É uma nova forma de ver a cidade, utilizando-se de dados científicos, surgindo daí, no século 19, uma especialização técnica para as questões urbanas, uma nova disciplina, o urbanismo.

Na era industrial, diante de toda a pobreza dos trabalhadores na cidade a base do nascente urbanismo é a **questão sanitária**. Propõem-se intervenções técnicas na cidade para modificação do meio físico onde se desenvolvem as doenças. Daí pode-se sugerir que os médicos fizeram surgir os urbanistas – através do Sanitarismo, a Medicina ajudou a fazer nascer o Urbanismo. Os progressos científicos da Medicina apontavam cada vez mais claramente os males do ambiente insalubre. A cidade paradoxalmente se tornava então um ambiente inimigo da saúde.³

Como reação à cidade industrial, desenvolve-se a técnica do saneamento e da higiene pública. O primeiro objetivo do Urbanismo foi devolver à cidade ar puro, água de boa qualidade, espaços abertos com muito verde e sol. As necessidades para conter as doenças epidêmicas, como tifo, febre amarela, malária, dengue, por meio de medidas saneadoras justificavam no entendimento estatal a ação governamental de práticas de medicina preventiva como vacinação em massa, vigilância sobre os segmentos

populacionais, saneamento básico, drenagem dos pântanos e alagados, remoção de favelas e barracos. Interferências confundindo o público e o privado que incomodavam a ponto de provocar grandes insatisfações populares, como no Rio de Janeiro, tanto mais que os micróbios não são percebidos pelo povo, mais compreendidos pela medicina oficial. Estava decretado o vínculo indissolúvel do poder do discurso médico e as teorias pasteurianas do contágio microbiano.⁴

Essa associação faz surgir o “Golpe do Estado Sanitário”, como exemplo, as ações saneadoras do Dr. Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.

Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917), considerado pioneiro da medicina experimental no Brasil nasceu em 1872 na pequena cidade do Estado de São Paulo São Luiz de Paraitinga. Filho do médico, o clínico geral, Dr. Bento Gonçalves Cruz, foi residir no Rio de Janeiro, quando seu pai, foi indicado pelo Imperador Dom Pedro II para a Junta Central de Higiene. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1892, passando a maior parte das suas atividades médicas na pesquisa científica. Em 1896, estagiou no Instituto Pasteur sob a direção de Émile Roux, aprofundando sua formação em Bacteriologia e Toxicologia. Retornou ao Brasil em 1899 e logo foi indicado pela Diretoria Geral de Saúde Pública juntamente com os Drs. Adolfo Lutz e Vital Brasil para organizar o combatê à epidemia que assolava a população da cidade de Santos onde constataram que se tratava da peste bubônica. Quando foi criado o Instituto Soroterápico, (Fazenda de Manguinhos) pelo Barão de Pedro

³ Matos e Silva, César H. -Palestra:Doença e cidade

⁴ Perrot, Michelle, História da Vida Privada. Companhia das Letras, 1994, volume 4, 599-601.

Afonso para o preparo de vacinas e combaté à peste, Oswaldo Cruz foi designado responsável pela parte técnica do Instituto. Em seguida, assumiu a direção da instituição e foi nomeado em 1903, diretor-geral da Saúde Pública do Rio de Janeiro pelo Presidente Rodrigues Alves com a incumbência de erradicar a febre amarela e a varíola. Era uma missão difícil, pois nessa época, o prefeito Pereira Passos implantava a política do “bota-abaixo” como tinha sido efetuado por George Eugêne Haussmann na cidade de Paris, demolindo casas e cortiços, com o objetivo de transformar a capital numa cidade de amplas avenidas, deixando a população revoltada. Suas pesquisas indicavam o mosquito *Stegomyia fasciata* como o veiculador da doença, tese com a qual concordavam Emílio Ribas e Adolfo Lutz em São Paulo. Baseado em seus conhecimentos dos métodos aplicados em Cuba por Carlos Finlay para eliminar a febre amarela, estabeleceu um plano de trabalho com as famosas “brigadas de mata-mosquitos”, à maneira militar, ganhando a antipatia imediata da população.

Dr. Oswaldo Cruz elaborou um vasto e ambicioso plano de trabalho para erradicar as doenças endêmicas que afligiam a economia e a imagem do país. Com o apoio incontestado do Presidente da República, construiu o Instituto de Manguinhos inspirado no Instituto Pasteur, para onde foi estudar e se capacitar para o grande desafio. Centro do saber e da pesquisa médica, cujas atribuições principais era de pesquisar os agentes etiológicos das doenças, fabricar soros e vacinas, comandar campanhas sanitárias no país. Para tal, organizou e compôs uma operosa equipe de pesquisadores e sanitaristas, atraindo professores de renome e jovens estudantes de medicina com vocação para a pesquisa científica. Naquela época,

faziam parte da equipe, os médicos Antonio Cardoso Fontes, Henrique da Rocha Lima, Henrique de Figueiredo Vasconcelos, Carlos Chagas, e os estudantes de medicina, Affonso Mac Dowell, Waldemar Schiller e Paulo de Figueiredo Parreiras Horta, entre muitos outros pesquisadores médicos. Esse último, posteriormente prestaria uma contribuição significativa para a saúde no Estado de Sergipe.⁵

Apesar de criticado violentamente, inclusive pela intelectualidade da época, quando houve revoltas com feridos e mortes, enfrentando difamações e ataques pessoais, conseguiu seu intento em 1907. Através da higienização da cidade, aplicando medidas de saneamento, impondo a vacinação compulsória, conseguiu finalmente banir a febre amarela do Rio de Janeiro. Coube-lhe também a erradicação da febre amarela da cidade de Belém do Pará e o controle da malária na zona de construção da ferrovia Madeira-Mamoré na Amazônia. Deixou a direção da Saúde Pública em 1909. Retirando-se para Petrópolis, ao assumir o cargo de prefeito em 1916, pôs em ação um grande plano de urbanização da cidade. Faleceu depois de ter passado o cargo a Bulhões de Carvalho. Ao falecer, o modelo brasileiro de Saúde Pública estava totalmente reconhecido, graças ao trabalho da sua equipe e do seu seguidor Carlos Chagas. O Dr. Belisário Pena em 1918, recebia ampla aceitação à sua tese de que o saneamento do Brasil seria a solução para seus problemas de saúde, fruto do seu trabalho desde 1904 como Inspetor Sanitário da Diretoria Geral de Saúde Pública e da sua dedicação em 1916 como propagador da Campanha de

⁵ Silva, Henrique Batista. Parreiras Horta. Pioneiro da Medicina Científica em Sergipe. Academia Sergipana de Medicina. 2001.

Saneamento no Brasil através da imprensa.⁶

Assim a concepção de cidade doente versus cidade sadia foi sendo elaborada por intelectuais da classe médica criando um programa de saúde civilizador a partir de uma racionalidade médico-higienista. Equipamentos urbanos, salubridade, normas de higiene, tanto da cidade quanto dos próprios indivíduos serão alguns dos temas presentes na construção do saber médico-sanitário desse período.

A cidade e seus moradores eram analisados cientificamente com um caráter patológico e várias teses foram construídas no sentido de “limpar as impurezas” existentes em cada área ou aspectos. Por exemplo, na saúde (cidade doente), estética (cidade feia), cultura (cidade iletrada), justiça (cidade insegura) e moral (cidade viciada). Com isso, o ideário do urbanismo técnico, juntamente com as projeções modernizadoras, padrões de higienização bem como o controle social trouxe além de um embelezamento das cidades, restrições às populações.⁷ A saúde era vista como requisito necessário e indispensável para o progresso e o alcance da civilização.

O exercício da prática médica ainda baseada em métodos e terapias dos séculos anteriores, sem os avanços decorrentes das mais recentes aquisições do conhecimento médico não poderia resolver os grandes problemas de saúde, como os surtos epidêmicos e as endemias mais comuns. Para tanto, tornava-se imprescindível intervenção do Estado para a implementação das políticas públicas de saúde como o saneamento das cidades. Concomitantemente, outras

medidas de fortalecimento dessa política seriam acrescentadas como a melhoria das casas de saúde e a criação ou modernização dos hospitais.

Existiam 03 fundamentações básicas para que a concepção de plano de saúde pudesse ser realizada.

A primeira se referia a supremacia indiscutível da ciência em todos os campos da atividade humana. Ao se encerrar o século XIX, a idéia que a ciência e o progresso seriam capazes de promover a felicidade das nações decorrentes das descobertas científicas e tecnológicas era indiscutível. Editoriais dos mais influentes jornais da época cantavam loas ao Progresso. Enfim, havia um tom triunfalista no pensamento da civilização ocidental na crença que a ciência poderia resolver os problemas e as doenças da humanidade. Tudo que viesse ou se dissesse científico era bem recebido, e nesse caminho, deveriam caminhar a intelectualidade, os governantes, a elite dominante.

Daí, decorrente identificamos o segundo aspecto da questão que seria a ideologia. Para implementação dos conhecimentos científicos, tornar-se-ia necessário uma corrente de idéias ou de convencimentos que justificasse a introdução de um conjunto de ações para determinados fins. Em especial, havia a Ideologia da supremacia do Estado Intervencionista. Isso já vinha ocorrendo nos grandes centros populacionais do país que sofriam de calamidades epidêmicas, como febre amarela, varíola e tuberculose. Nesse sentido é necessário salientar o interesse do Estado, pois apesar da tuberculose afetar grande parte da população com grande mortalidade, as doenças epidêmicas interferiam negativamente na economia do país, afetando a imigração e o comércio externo, além de manchar a imagem brasileira.

⁶ Pereira Neto, André de Faria. Ser Médico no Brasil. 2001. Rio

⁷ SANTOS, Maria Nely. Aracaju na contramão da “Belle Époque”. Revista de Aracaju. Ano LIX, nº 9. Prefeitura Municipal de Aracaju/FUNCAJU: Aracaju, 2002.

O terceiro elemento no processo da intervenção estatal seria decorrente da dimensão política. Para que os encaminhamentos e a implementação sanitária pudessem dar resultado positivo haveria a necessidade de identificação e aproximação entre o Governo e a classe científica.

Em Sergipe, o segmento mais representativo da ciência local era o grupo de médicos liderados pelo cirurgião Dr. Augusto Leite. Esse grupo mantinha afinidade com o grupo político do Governador Graccho Cardoso. Podemos entender que o discurso de modernização da saúde desenvolvido pelo cirurgião surtiu efeito na concepção e na construção de um novo hospital para Sergipe. O Governador se deixou influenciar por esse grupo representativo dos médicos locais que lhe apontava uma outra maneira de melhorar a saúde dos sergipanos. O Dr. Augusto Leite o convenceu da impropriedade da melhoria da saúde, com Aracaju possuindo um só hospital, o Santa Isabel, em precárias condições de funcionamento. A solução poderia vir do campo da cirurgia, a saída seria a construção de um novo hospital, moderno e condizente com os avanços da medicina da época. Assim, surgiu a decisão de construir o Hospital de Cirurgia.

Segundo o Dr. Helvécio de Andrade no seu valioso trabalho “A Medicina em Sergipe durante um século”⁸ nas primeiras décadas do século XX a medicina e as condições de saúde no Estado de Sergipe se encontravam bastante distanciadas dos avanços do seu tempo movidas por interesses pessoais, esquecida dos valores morais e dos conhecimentos científicos. Predominava em certas situações a noção das rezas, dos

quebrantos, aspersões de galhos de arruda. Dominava a crença nas mulas sem cabeça, caiporas, duendes de três pés, matas mal assombradas, as múltiplas formas de representação terrena do demônio. Nessas condições sociais, onde as superstições alcançavam a maior parte da população, o empobrecimento do Estado contribuía para que a situação sanitária permanecesse inalterada por longos anos. Faltava água tratada, esgotamento sanitário adequado e higiene das casas, além do descaso com a conservação das matas e das nascentes de água. Havia uma apatia geral da população e das autoridades administrativas para reverter esse quadro insalubre.

(FOTO RUA DUQUE DE CAXIAS)

A situação nosológica espelhava o desconhecimento de uma alimentação sadia, predominava a oferta de gêneros alimentícios mal conservados ou deteriorados. Aliados ao clima sergipano faziam campear as doenças entéricas, nas formas tíficas e paratíficas, notadamente as diarréias, como a desintéria com surtos freqüentes causando as desidratações infantis. Sífilis, tuberculose pulmonar, as formas de linfatismo(), diáteses hemorrágicas, as verminoses em geral, doenças parasitárias da pele, o beribéri, o cólera, as hidropsias(ascite), as esplenomegalias e as hepatomegalias causadas pela shistosomose e a malária, a varíola, o tracoma, as várias formas de doenças reumáticas, paludismo (malária), as viroses próprias da infância e as respiratórias em geral, as chamadas febres de Aracaju, que a semelhança das paulistas, imaginava-se uma etiologia tifóide. Naquela época distante dos nossos tempos, repletos de tecnologia e de campanhas, mutirões e programas de saúde, chamava a atenção das autoridades e dos gestores de saúde para a

⁸ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. 99-117, 1920

necessidade de se encarar com seriedade essas questões e “com método, ciência, ordem e verdadeira economia” que se fizesse um plano estratégico geral de saneamento e que se implementasse sem interrupção executado por pessoas realmente preparadas para tal objetivo.

FOTO TRAVESSA JOSE DE FARO

O incremento dos estudos na área médica no Brasil, pode-se afirmar, ocorreu mais intensamente depois da implantação da República. Eram poucas as iniciativas nesse campo do conhecimento humano por várias razões. Quase tudo se copiava do conhecimento estrangeiro, sobretudo da França pela sua grande influência no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Durante quase um século somente existiam a Faculdade de Medicina da Bahia e a do Rio de Janeiro para formar os médicos brasileiros.

No início do século XX, a riqueza de Sergipe vinha predominantemente da indústria da cana de açúcar e da pecuária. Os senhores de engenhos e os fazendeiros detinham grande parte dos dividendos políticos. Seus ricos herdeiros, bem como jovens ambiciosos, mas menos aquinhoados de riqueza, sabendo das oportunidades em Aracaju, começaram a migrar para a cidade. Sabiam que as oportunidades de conquistar status sócio-econômico estavam nos estudos e nas formaturas dos cursos superiores. Entretanto, como ainda não existiam esses cursos em Sergipe, quem desejasse cursar Medicina ou Direito teriam necessariamente que estudar em outras cidades, sendo as mais procuradas pelos sergipanos, o Rio de Janeiro, Salvador ou Recife. Na grande maioria, a elite sergipana, assim como a brasileira da época, acreditava que os interesses privados e os públicos se intercalavam e eram incapazes de diferenciá-los. Acreditava que suas aspirações pessoais representavam o desejo da Nação: o que

fosse bom para ela seria igualmente benéfico para o Brasil. Quando os objetivos do Governo divergiam das suas aspirações privadas seus membros comandavam as revoltas. Desconheciam que elite não é sinônimo de privilégio. Que seu significado decorria daqueles capazes de exercer suas funções no Governo, no Parlamento, no serviço público ou na iniciativa privada com o sentimento de responsabilidade e de compromisso social.

Nesse contexto, havia poucos médicos em Sergipe e o exercício da Medicina era pouco resolutivo, tanto pelo número pequeno de médicos como também rendimentos pecuniários que os mesmos recebiam pelos seus serviços. A proporção era de 01 médico para 20.000 habitantes, distanciados uns dos outros pela situação geográfica, sem apoio da imprensa e sem movimento organizado pelas questões da classe. Não existiam clínicas particulares que não dependessem dos favores do Estado e no interior não havia cidade em que dois médicos pudessem, com o seu trabalho, manter-se e sua família (**Helvécio Andrade**). Os serviços médicos não eram pagos satisfatoriamente e não havia incentivos para que os médicos buscassem mais conhecimentos, além daqueles da sua formação, procurando a especialização nas várias áreas, o que já vinha ocorrendo nos grandes centros do país. A grande maioria dos médicos a exercia fundamentada no saudável conceito do sacerdócio e do desprendimento. Nesse ambiente desfavorável para a prática médica, também exerciam a arte de curar, até mesmo para suprir essa deficiência, os curandeiros, os rezadores, os benzedores, os feiticeiros e profissionais de nível superior como os farmacêuticos.

(FOTO PRAÇA FAUSTO CARDOSO)

No que se refere à situação da cirurgia naquela época, podemos fazer uma avaliação se tomarmos as palavras do Dr. Augusto Leite. Diplomado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 2 de Janeiro de 1909, defendendo a tese “Da contra-indicação renal ao emprego do salicilato de sódio”, voltou para Sergipe em

03 de maio do mesmo ano. Inicialmente foi clinicar na cidade de Capela, onde passou 03 meses e depois trabalhou em Maruim por mais 03 meses, para ganhar experiência. Em novembro do mesmo ano estava trabalhando em Aracaju.

No seu discurso ao ser admitido no Colégio Brasileiro de Cirurgiões no dia 18 de junho de 1945 declara o insigne mestre o exercício da cirurgia em Sergipe era atrasado, paupérrimo, anciloso, utilizando os métodos mais obsoletos, como de resto, em várias regiões brasileiras, com exceção dos centros mais evoluídos do Brasil. Com seu espírito empreendedor entendeu a necessidade de fazê-la progredir com métodos cientificamente mais atualizados. Relata que ao perguntar às pessoas e aos médicos mais velhos ou lendo jornais e relatórios não descobriu notícias sobre nenhum tipo de cirurgia como intervenção na cavidade abdominal, ou mesmo, as quelotomias ou calhas hipogástricas. As amputações se constituíam as grandes operações da época. Desse procedimento resultava as famas dos operadores. O Estado de Sergipe possuía poucos hospitais que mais se assemelhavam aos albergues. O Hospital Santa Isabel fundado no século anterior permanecia estagnado e desaparelhado para atender as necessidades dos que necessitavam ser operados. Descreve como funcionava o citado hospital nas primeiras décadas do século XX. Havia duas grandes enfermarias, uma para o sexo masculino e

outra para o sexo feminino, onde os doentes eram alojados, e quando superlotadas, muitas vezes, espalhados em esteiras pelo assoalho sujo, o que era muito freqüente. Não se separavam as crianças dos adultos, e pior, doentes de diferentes patologias ocupava indiferentemente os leitos das enfermarias. “Só o sexo obrigava a separação”. Problemas maiores existiam relacionados à higiene e à esterilização de materiais, pois faltavam autoclaves, a sala de cirurgia era a mesma sala que servia para os curativos. A mesa de operação não dispunha de mecanismos para adequá-la em posições diferentes, como também sistemas de drenagem dos líquidos e das secreções. Outros problemas existiam contribuindo para que o hospital fosse considerado um pavor pelos pacientes, e somente os despossuídos se aventuravam nas suas dependências. Esse seria o quadro apavorante da situação da cirurgia em Sergipe nas primeiras décadas do século XX. Resoluto, disposto a mudar esse quadro, munido da ciência e da fé na cirurgia iniciou sua luta de um significado profundo para a medicina de Sergipe. Trabalho lento, a ser executado cotidianamente, mas de expressivas e profundas mudanças. Por um longo tempo, fazia de tudo. Tudo tinha que estar nas suas vistas, desde os exames iniciais dos doentes, dos cuidados pré-operatórios, da preparação da sala cirúrgica até ao treinamento dos enfermeiros e dos auxiliares. Para operar melhor o paciente treinava em cadáveres. Nessas circunstâncias, conseguiu operar com sucesso o primeiro paciente com hérnia estrangulada em condições desfavoráveis. A primeira laparotomia executada em novembro de 1914, um fibromioma uterino, foi um acontecimento em Aracaju. Daí em diante, firmou-se como um grande

cirurgião em Sergipe. Entretanto, seu grande feito, sem dúvidas, foi a criação do Hospital de Cirurgia, inaugurado em maio de 1926, motivo da sua saída em outubro do Hospital Santa Isabel. Deixou bem documentada uma grande quantidade de cirurgias entre elas mais de quatrocentas laparotomias. O Hospital de Cirurgia, inicialmente destinado aos doentes de afecções cirúrgicas, veio a se constituir um verdadeiro complexo hospitalar, com várias manifestações de grande importância social. Sob o patrocínio governamental e a participação do segmento particular, novos serviços com novas instalações foram acrescentados, como a Maternidade Francino Melo, o Hospital Infantil, serviços especializados na área de urologia, proctologia, serviço social de Assistência Maternal e Infantil, consultório pré-natal, consultório de higiene infantil, lactário, espaço para um museu anátomo-patológico, serviço de assistência obstétrica domiciliar e de clínica médica. Sob sua coordenação todos esses serviços estavam encadeados, proporcionando o desenvolvimento científico e o aperfeiçoamento técnico. A concretização desse complexo hospitalar e social veio a se constituir na grande obra da primeira metade do século XX com repercussões significativas para a medicina sergipana. Repercussões que promoviam novos campos de trabalho para os profissionais da saúde, bem como a expansão da inteligência porque não se “coortava pendores”. Incentivou a criação de novas especialidades médicas subordinadas ao princípio da interdependência, garantia da unidade organizacional nosocomial, respeitando suas competências e suas iniciativas. Todos esses feitos fizeram surgir a confiança no hospital dos médicos e dos doentes do povo sergipano e de Estados vizinhos. Antes de tudo, tornou-se o centro iluminador de idéias, local de

debates e discussões que buscavam o avanço do conhecimento científico e tecnológico com importantes repercussões na área da saúde, como a criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem, o Curso de odontologia e a futura Faculdade de Medicina. Médico que fazia da medicina um sacerdócio e homem alheio a vantagens pecuniárias em tom profético disse: “Mas, esse muito pouco, que granjearam, está hoje nas mãos do corpo clínico sergipano, mercê de cujos talentos se transmudará, a breve trecho, em copiosos frutos sumarentos, que hão de concorrer, em Sergipe, para os grandes futuros que se descenderam às letras médicas brasileiras”. Diante dessa exuberante figura, franzino na compleição física e gigante na estatura ética e moral, podemos considerar o Dr. Augusto César Leite como a maior expressão médica do século passado, o Patrono e o Luminar da Medicina Sergipana.

(FOTO PRAÇA ALMIRANTE BARROSO)

Em Sergipe, conforme citado, havia poucos médicos, mas podemos enumerar alguns que viveram nessa época já em final de exercício profissional e que foram mencionados por Dr. Helvécio Andrade: Francisco Sabino Coelho Sampaio, Serafim Viera, José Moreira de Magalhães, Aurélio Rezende, Thomaz Rodrigues da Cruz, Antonio Barbuda, Rodrigues Dórea. Outros que prestaram ajuda encorajadora ao Dr. Augusto Leite no início da sua carreira como cirurgião: Sílvio Leite, Theodureto, Góis Monteiro, Pimentel Franco, Aristides Fontes, Josaphat Brandão, Carlos Menezes, Jessé Fontes, e Moacyr Leite. Depois vieram muitos outros participar dessa história.

(FOTO RUA DO BARÃO, ATUAL JOÃO PESSOA)

Nesse contexto, para atender as demandas modernizadoras no campo da saúde, duas

personalidades haveriam de se encontrar, somando suas vocações em benefício da comunidade sergipana, especialmente de Aracaju. O Dr. Augusto Leite com todas suas aspirações científicas e o Dr. Graccho Cardoso, o mais empreendedor político do seu tempo e que promoveu como governador do Estado as mais importantes mudanças nesse sentido. Para que os objetivos do cirurgião visionário pudessem ser realizados, seria necessário que a infra-estrutura do meio ambiente se transformasse com novas benfeitorias, resultante da administração de um governador progressista.

Uma dos melhores exemplos desse projeto modernizador realizado no Estado de Sergipe foi à gestão governamental de Graccho Cardoso, exercido de 1922 a 1926. **GRACCHO CARDOSO**

Necessário ressaltar que a cidade de Aracaju já nas primeiras duas décadas do século XX começasse a receber mesmo de forma incipiente os primeiros serviços de infra-estrutura, como bondes, trem, rede de esgoto, água encanada em algumas localidades, iluminação, e os famosos aterros dos pântanos.⁹ Inclusive estes últimos eram visto como causa de insalubridade e considerado como foco de exalação de “miasmas”. Isso porque segundo as teorias higienistas da época, acreditava-se que a inalação dos ares “corrompidos” provocaria uma ruptura do equilíbrio do organismo, obstruindo as vias de circulação do sangue e provocando o surgimento de doenças.¹⁰

Esses incrementos urbanos foram realizados como consequência de um

desenvolvimento econômico, principalmente na área da indústria têxtil e comércio, fazendo com que atraísse migrações de outras regiões do Estado. Sabemos que nem todas as ações deram resultados imediatos ou eficazes, mas representavam a materialização do entendimento de uma nova realidade.

A perspicácia e a sagacidade administrativa de Graccho Cardoso, operacionalizou com resultados positivos para Aracaju, dois pontos fundamentais da medicina, sobre os quais ele assentou suas bases na gestão da área da saúde. Convencido indubitavelmente do conhecimento científico dos agentes causais biológicos da teoria pasteuriana, expressos pelos resultados excelentes obtidos pela equipe do Dr. Oswaldo Cruz no Instituto Manguinhos do Rio de Janeiro sobre as endemias, e do trabalho diligente e eficaz do Dr. Emílio Ribas em São Paulo, investiu na operacionalização das ações da medicina sanitaria. Por outro lado, deixou-se convencer pelo assédio positivo de um grupo de médicos, à frente Dr. Augusto César Leite, que lhe apontavam a necessidade de melhorar a saúde do sergipano, benefícios que poderiam vir da prática científica da cirurgia. Esse virtuoso encontro ocorreu no Palácio Olímpio Campos quando da apresentação à sociedade sergipana do Dr. Paulo de Figueiredo Parreiras Horta, convidado pelo governador para construir um instituto de saúde. Nessa ocasião, o Dr. Augusto Leite, ladeado por vários médicos, fez um discurso solicitando a construção de um moderno hospital. Havia dois ramos do conhecimento médico, sabidamente comprovados, capazes de mudar definitivamente a forma de prestação de atendimento de saúde do sergipano: primeiro, os métodos da medicina sanitaria como vacinação, saneamento básico, soros terapêuticos, água potável, esgotamento sanitário,

⁹ SANTOS, Fabrícia de Oliveira. Luz elétrica, asseio e promptidão: fragmentos da modernização em Aracaju (1910-1920). Revista de Aracaju. Ano LX, nº 10. Prefeitura Municipal de Aracaju/FUNCAJU: Aracaju, 2003.

¹⁰ RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar. Utopia da cidade disciplinar. Paz Terra: Rio de Janeiro, 1996.

medidas de higiene, e de prevenção de doenças em geral. Segundo, os métodos modernos da cirurgia, ramo da medicina que obtinha cada vez mais credibilidade pelo emprego da assepsia, da anti-sepsia, do avanço dos métodos anestésicos dominando a dor, melhorando os protocolos cirúrgicos, controlando as infecções pós-cirúrgicas.

A prática da especialidade da cirurgia tinha alcançado grande desenvolvimento no início do século XX. Os métodos invasivos de tratar as doenças através de ancestrais instrumentos como estiletos, facas, bisturis, pinças e laqueaduras dos vasos sanguíneos, conhecidos como métodos cirúrgicos, eram aplicados desde o início da história conhecida da Medicina. Até a metade do século XIX, os dois grandes limitadores para o desenvolvimento da medicina eram a dor e a infecção que ocorria após a intervenção cirúrgica. Quando em 16 de outubro de 1846 na sala de operação do Hospital Geral de Massachusetts de Boston, o cirurgião Prof. Dr. John Warren operou usando éter sulfúrico ministrado pelo dentista William Thomas Green Morton, ocorreu supressão da dor no ato cirúrgico. A partir daí, a narcose se desenvolveu com sucesso rapidamente na Europa e nos Estados Unidos da América do Norte. Estava vencido o primeiro e grande obstáculo para a evolução da cirurgia.

Por outro lado, havia várias teorias e esforços para vencer as infecções que inviabilizam várias técnicas cirúrgicas. Dr. Charles White em 1773, preconizou a irrigação uterina com líquidos desinfetantes. Mas, foi Ignaz Semmelweis em 1847, o primeiro a levantar a questão fundamental das contaminações durante os partos que provocavam as terríveis e fatais febres puerperais.

Joseph Lister, tendo lido os trabalhos de Louis Pasteur, propôs um método de

evitar as infecções pós-cirúrgicas ainda com lampejos na concepção do “miasma pestilencial”, o ar contaminado que impregnava as salas de operações. O ar deveria ser depurado com uma substância e começou a aplicar uma preparação de ácido fênico em feridas operatórias. Seria a anti-sepsia a neutralizar os microorganismos presentes identificados por Pasteur. Ademais, também se lavava as mãos não só depois, mas antes de se iniciar as operações, bem como desinfetar os instrumentos e o campo operatório. Estavam assentados os princípios antissépticos na prática cirúrgica. Da anti-sepsia se evoluiu para a assepsia com o objetivo de suprimir os germes e não somente neutralizá-los. Este avanço aconteceu com os trabalhos do alemão Ernst vom Bergman em 1886 quando introduziu a esterilização a vapor dos materiais e instrumentos cirúrgicos. E, logo em seguida, o americano Halstead introduziu o uso de luvas de borrachas esterilizadas nas pelos cirurgiões, e posteriormente, roupas, máscaras e gorros, anti-sepsia da pele do doente.¹¹

Foi nesse ambiente da evolução da medicina, que colou grau em medicina em 1909 o cirurgião sergipano Dr. Augusto César Leite.

Na segunda década do século XX, havia um clima de mudanças e inquietações que se expressavam na Semana de Arte Moderna, mudança considerada radical de se entender a arte, contrapondo-se às idéias convencionais e dogmáticas; choque entre livre pensamento e as estruturas antigas; surgimento do movimento comunista (Manifesto de Maio, fundação do Partido Comunista do Brasil, Liga de Ação revolucionária de Luiz Carlos Prestes, Centro Dom Vital

¹¹ Namora, Fernando. Deuses e Demônios da Medicina. Bertrand, 1979, Amadora

que representava o pensamento da Igreja Católica).¹²

As experiências político-administrativas de Graco Cardoso começaram a ser adquiridas no Estado do Ceará junto ao Governo do Dr. Nogueira Accioly, além de ter ligações familiares com o grupo dos Accioly naquele estado. No Ceará, realizou uma carreira política promissora chegando até a ser 1º Vice-Presidente de Governo.

Em Sergipe, com o apoio das oligarquias locais lideradas por Pereira Lobo e General Valadão, seguiu os passos políticos iniciados no estado cearense. Elegeu-se deputado federal e posteriormente assumiu uma vaga de senador. A sua carreira política desembocou na sua candidatura ao Governo de Sergipe. Eleito com 8.693 votos, conforme o Diário Oficial do Estado de Sergipe de 30 de maio de 1922, realizou um conjunto de ações modernizadoras que mudaria o panorama da capital, como também algumas áreas do interior sergipano.¹³

Apesar do período da sua administração (1922-1926) ser considerado um tempo conturbado, devido aos levantes militares do movimento tenentista, chegando até a deposição do governante durante a Revolta de 13 de Julho, houve um Plano de Ação com grandes realizações. “Na capital foram realizados obras de saneamento, abastecimento de água, urbanização, transporte e embelezamento, com construções de obras de arquitetura monumental simbolizado pelas conhecidas águias de asas abertas. Já no interior do estado realizou construções de estradas, escolas e as famosas Estações Experimentais destinadas à pesquisa de

produção de algodão”¹⁴ que inclusive trouxe o agrônomo americano Dr. T. R. Day que criou as variedades de algodão de nome Serigy, as primeiras a serem criadas no Brasil. Educação, Urbanização e Saúde foram os carros-chefes da sua administração. A pesquisa científica foi uma das marcas da sua gestão e podemos verificar isso nas realizações na área da sua pública e tecnologia.

No tocante a saúde pública a preocupação do governo era como as endemias rurais, lepra, tuberculose, doenças veneras, doenças mentais, varíola, raiva, impaludismo, filaríose, e a schistosomose, enquanto prioridades sanitárias desenvolvido pela Diretoria de higiene e Saúde Pública. Essas preocupações começaram a ser encaradas pelos governos desde 1920 a partir da Reforma Sanitária Carlos Chagas, trazendo novas abordagens para as pesquisas bacteriológicas, bem como a criação do departamento Nacional de Saúde Pública que irá realizar por duas vezes, uma em 1923 e outra em 1924, convênios com o Governo de Graccho Cardoso com objetivo de erradicar as profilaxias existentes no Estado de Sergipe e realizar um saneamento pleno.¹⁵ Devemos também ressaltar o papel da Fundação Rockefeller que realizou também no Estado um trabalho de combater a febre amarela.

Logo no seu primeiro ano de governo através da Lei 836 de 14/11/1922, Graccho Cardoso estabelece uma nova estrutura de saúde pública. Podemos observar também essa preocupação

¹² Dantas, Ebarê-Tenentismo em Sergipe

¹³ DANTAS Ibarê Costa. Os partidos políticos em Sergipe. (1889-1964). Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1996.

¹⁴ OLIVA, Terezinha Alves de. Estrutura de poder. IN: Textos para a História de Sergipe. Diana M. Diniz (coord.) UFS/BANESE: Aracaju, 1991.

¹⁵ SANTANA, Antônio Samarone de . A saúde pública em Sergipe: como tudo começou (1922-1926). Correio de Sergipe. Suplemento especial, 7 set. 2003.

durante a leitura do Código de Postura da Cidade de Aracaju, publicado pela Lei do Conselho Municipal de 06/09/1926. Nele, observa-se a regulamentação quanto à utilização do espaço urbano, dando diretrizes que iam desde a simples construção de uma casa até aos problemas de higiene e lazer.¹⁶ A higiene era um dos temas bastante discutidos, talvez por fruto de uma herança nefasta que ainda atormentava e assustava os sergipanos quanto das epidemias de cólera, empaludismo, varíola, sífilis, ocorridas durante o século passado e a gripe espanhola ocorrida em 1918.

É no final do seu governo que Graccho Cardoso publica o Decreto 947 de 21/08/1926 no qual regulamenta os serviços sanitários. “Nele compreende as seguintes da Diretoria Geral dos Serviços Sanitários: estudo científico das questões ligadas à saúde; estudo da natureza; etiologia; tratamento e profilaxia das doenças transmissíveis; estudo das condições mesológicas; higiene domiciliar; polícia sanitária das escolas, habitações particulares e coletivas, farmácias, drogarias, oficinas, fábricas, estabelecimento comerciais, hospitais, maternidades, mercados, matadouros e cemitérios; notificação das moléstias transmissíveis; isolamento; desinfecção e vigilância; organização das estatística demógrafo-sanitária; fabricação de soros, vacinas, culturas atenuadas e produtos congêneres; fiscalização dos laboratórios, articulares; fiscalização da medicina particular em qualquer dos ramos (farmácia, obstetrícia e arte-dentária); exames das mama de leite; inspeção médico-sanitária das escolas públicas e particulares; fiscalização das obras de

saneamento, estudo das condições higiênicas de todos os edifícios a serem construídos; assistência de urgência e dispensário maternal e a educação sanitária do povo.¹⁷

Já que morbidade não combina com modernização, a procura da medicina por tratamentos das doenças infecto-contagiosas era uma das discussões da medicina científica em voga naquela época. A chamada medicina experimental já divulgada nos grandes centros urbanos do Brasil chegava a Sergipe provocando entusiasmo nos médicos, dentistas, engenheiros e cientistas locais. Sem contar que muitos deles, após formação superior nas Faculdades do centro-sul, regressavam para a terra natal, trazendo novidades nesse sentido.

As Instituições Sanitárias

Para dar suporte à nova medida adotada pelo governo através dos serviços sanitários, seria necessário equipar o Estado de infra-estrutura que dessa resposta às ações implementadas. Uma das ações realizadas nesse sentido foi a criação das instituições sanitárias que serviriam de apoio técnico-científico bem como instrumental no combaté as profilaxias que gracejavam no Estado. Exemplos dessas instituições foram o Hospital Santa Isabel, o Instituto de Química Artur Bernades, conhecido posteriormente como Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe – ITPS, o Instituto Parreiras Horta, o Hospital de Cirurgia e a Escola de Farmácia e Odontologia Aníbal Freire.

¹⁶ SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. Frontões, águias e linhas retas: contribuições para uma história da arte em Aracaju (1900-1940). Revista de Aracaju.

¹⁷ SANTANA, Antônio Samarone de . A saúde pública em Sergipe: como tudo começou (1922-1926). Correio de Sergipe. Suplemento especial, 7 set. 2003.

Hospital Santa Isabel

Desde o século XIX o Hospital Santa Isabel já desenvolvia um trabalho de assistência à população aracajuana e outras cidades do Estado de Sergipe. Aracaju nos seus primeiros anos como capital de Sergipe necessitava de um hospital para atender a população que não disponha de serviços adequados na área da saúde, haja vista as epidemias de cólera (18) que assolaram o Estado. Daí a necessidade da criação de um hospital. (BRUNO GOIS NASCIMENTO, EGMOND ALVES SILVA SANTOS, JOÃO AUGUSTO ALVES DE OLIVEIRA – Trabalho da Disciplina História da Medicina da UFS – Aracaju, 1999).

Antes da construção do Hospital de Cirurgia foi o centro de atendimento das questões médicas e considerado o primeiro nosocômio de Aracaju.¹⁸ Durante muitos anos foi o único hospital de Aracaju e possuindo um caráter asilar e filantrópico as irmãs de caridade faziam parte da sua administração,

Sua criação data de 24 de maio de 1858 pela Resolução N° 493 da Assembléia Legislativa Provincial e sancionada pelo Presidente do Estado de Sergipe Dr. João Dabney D'Avellar Brotero com o nome de Hospital de Caridade Senhora da Conceição (Ata do Livro Patrimonial). Começou suas atividades em 16 de fevereiro de 1862 no governo do Presidente Joaquim Jacinto Mendonça. Sua primeira diretoria foi constituída por Dr. Joaquim José de Oliveira (Presidente), Tenente-Coronel Manoel Diniz Vilas-Boas (Tesoureiro), Major

João Manoel de Souza Pinto, Tenente-Coronel Antonio Carneiro de Menezes o capitão Antônio Rodrigues das Cotias, o Capitão José Pinto da Cruz e o Alferes Antônio José Pereira Guimarães. Observam-se a importância dos militares que juntamente com os médicos, os representantes do judiciário e do segmento religioso se constituíam os mais prestigiados cidadãos da sociedade. Nas suas instalações, havia 60 leitos distribuídos em três enfermarias que eram São Roque destinadas aos pobres, Santa Isabel aos não escravos e São Sebastião aos da força policial. Suas instalações iniciais foram na Rua da Aurora (atual Avenida Rio Branco). Como sua destinação era atender a população mais carente foi tentada a criação de uma instituição com finalidades filantrópicas para administrá-lo. A proposta do Presidente da Província foi uma Santa Casa de Misericórdia. Esse intento não teve colaboração da sociedade por falta de interesse, talvez pelo pouco espírito de filantropia na época. Desta maneira, o hospital foi construído com recursos provenientes dos cofres públicos e a sua manutenção era feita com rendas oriundas do cemitério Nossa Senhora da Conceição (atual Santa Isabel) e com os juros de apólices, aluguel aos militares da enfermaria São Sebastião e de doações, como a do Barão de Maruim que doou um terreno onde foi construído o primeiro mercado de Aracaju (Idem). Os recursos públicos eram provenientes de uma rubrica com o nome de socorros públicos destinados a estabelecimentos hospitalares.

Em razão das suas dificuldades financeiras, praticamente mantido pelo erário público, havia opiniões que defendiam que sua administração fosse entregue a uma instituição religiosa, a Irmandade do Santíssimo Sacramento, ou a citada Santa Casa de Misericórdia.

¹⁸ SANTANA, Antônio Samarone de . A saúde pública em Sergipe: como tudo começou (1922-1926). Correio de Sergipe. Suplemento especial, 7 set. 2003.

Entretanto, funcionava como uma repartição pública entregue a uma comissão nomeada pelo Governo. Para se ter uma idéia das causas de óbitos ocorridas o relatório do hospital em 16 de outubro de 1895, dos oito pacientes falecidos dos setenta e nove internados, dois morreram de tuberculose, dois de leucemia, um de gastroenterite, um de pneumonia, um de catarro pulmonar e um de ascite.

Em virtude da sua precária saúde financeira com poucas receitas do erário público e das acanhadas instalações, havia a necessidade de se transferir para outro local. Com esse intuito, em 1896 no governo de Oliveira Valadão, foi feita uma transação com o Estado em que o prédio da antiga Rua da Aurora foi transferido para o Estado em troca da dívida referente às instalações da antiga Casa dos Educadores, onde atualmente está localizado o Hospital Santa Isabel. O hospital funcionava precariamente e como havia denúncias de graves irregularidades administrativas com mau uso dos poucos recursos públicos, o Governo nomeia em 25 de janeiro de 1900, uma comissão de auditoria composta pelo Inspetor do Tesouro, Luis Marcolino Machado de Souza, e pelos senhores Alcebíades Leite e Augusto de Magalhães Carneiro, para procederem a uma rigorosa aferição das contas do hospital. Como a subvenção estava em torno de dez por cento das despesas do hospital, o Estado buscava uma solução viável para o nosocômio, e desse modo, aliviar os encargos do Estado. Desse modo, o Governo promovia gestões para que o mesmo mantivesse sua administração de forma autônoma sem os subsídios do Estado. A busca por uma solução vinha desde os tempos do Império que seria o de entregar a uma entidade de beneficência para administrá-lo, como já mencionado.

Somente em 23 de outubro de 1.900 o Hospital de Caridade de Aracaju (Senhora da Conceição), que até então funcionava sob a administração do Barão de Maruim, foi denominado Hospital Santa Isabel, de conformidade com o Decreto Lei n.º 391 sancionado pelo Presidente do Estado Olympio de Souza Campos, que no seu artigo 1º autorizava ao governo entregar o Hospital a uma instituição de caridade que se depusesse a administrá-lo. Esse documento oficial também estabelecia prioridades para o atendimento dos doentes. Pela ordem, seriam os doentes reconhecidamente pobres, os náuticos de condição livre (não escravo) e os praças do corpo policial. Proibia o internamento de doentes portadores de doenças eminentemente contagiosas e os pacientes terminais era responsabilidade dos enfermeiros e serventes. Os cadáveres eram colocados sobre um estrado de madeira e cobertos com lençol branco, antes de avisar seus familiares. Através desse ato legal, foi criada a Associação Aracajuana de Beneficência, ato que incorporou no seu patrimônio, além do Hospital Santa Isabel, os cemitérios da Cruz Vermelha e de Santa Isabel, e de um trecho da Rua de Laranjeiras onde havia uma loja de talho de carne (Travessa Municipal) até a Rua da Frente (Avenida Rio Branco), doação do Barão do Rio Branco. Desta maneira foi encontrada a solução para o comando do hospital que deveria ser administrado por uma instituição filantrópica, cujos bens não seriam transferidos porque são inalienáveis os patrimônios da entidade de caridade. No início de seu funcionamento a Associação contava com cento e cinco sócios regulares, sendo seus primeiros presidentes:

1901 – Coronel Terêncio Sampaio.

1902 – Joseph Dória Neto.

1903 – Monsenhor Olympio de Souza Campos.

1904 – Major Serafim José Moreira.
1905 – Major Serafim José Moreira.
1906 – Monsenhor Olympio de Souza Campos.
1907 e 1908 – Major Serafim José Moreira
1909 – Desembargador Guilherme de Souza Campos.
1910 (maio e junho) – Coronel Sabino José Ribeiro.
1910 e 1911 – Dr. José Rodrigues da Costa Dória.
1912 até 1924 – Desembargador Simeão Telles de Menezes Sobral.

Como encarregado clínico do hospital na primeira década era o Dr. José Moreira de Magalhães. Apesar dessas gestões, a situação do funcionamento do hospital continuava precária, seus melhoramentos eram lentos, uma prática médica muito defasada conforme os relatos já citados. No quadro de ocorrência do hospital, entre julho de 1901 e julho de 1902 foram realizadas apenas 16 cirurgias no Hospital Santa Isabel: uma amputação de braço, uma de perna e uma de coxa; três fimoses, duas parafimose, uma dilatação de uretra, uma paracentese e cinco abscessos.

No governo de Olympio Campos, ocorreu a transferência do hospital para o alto do Santo Antônio. Para adequá-lo melhor aos avanços da Medicina foram instalados nas novas instalações novos instrumentos cirúrgicos comprados na Europa e organizados novos serviços.

Em 1911, era encarregado pela parte médica o Dr. Aristides Fontes e o funcionamento do hospital continuava dentro da ótica de muita caridade e pouca ciência. Os dados da época demonstram que dos 217 pacientes internados, 34 faleceram. Uma mortalidade de mais de quinze por cento.

Em 1913 o presidente Simeão Telles de Menezes Sobral convidou o Dr. Augusto Leite para fazer parte do corpo clínico do

Hospital Santa Isabel, juntamente com Dr. Francisco de Barros Pimentel Franco. Foi nomeado pela portaria de 1º de janeiro de 1913 aprovado em reunião pelo Conselho Administrativo da Associação Aracajuana de Beneficência. Nessa época, a cidade de Aracaju possuía pouco mais de 30 mil habitantes, não tinha transportes públicos regulares e nem calçamentos regulares. Segundo relatos, freqüentemente o Augusto Leite se deslocava de sua casa para o hospital, montado em um cavalo. O Hospital de Santa Isabel não disponha de aparelho de raios X, nem autoclaves e nem laboratórios de análise clínicas adequados. Quase todo o tratamento era conservador e as intervenções cirúrgicas se limitavam a pequenas cirurgias ou as amputações. As condições higiênicas de funcionamento eram precárias a tal ponto que o Dr. Pimentel Franco, chefe do Serviço das Mulheres, para exercer suas funções profissionais, solicitava a um acompanhante que carregasse um vaso queimando incenso ou alcatrão.

Durante a gestão do Desembargador Simeão Sobral, com a finalidade de manutenção do Hospital Santa Isabel e para beneficiar a comunidade carente através de prestação de serviços, foram cedidas gratuitamente pelo Governo as terras do antigo Encapellado de Santo Antonio, através do Decreto Lei nº 2.995 de 29 de setembro de 1915 que permitia a cobrança de foros e laudêmios. Para que isso ocorresse, houve a participação de muitas figuras expressivas da sociedade sergipana como o Desembargador Simeão Telles de Menezes Sobral, o Almirante Amyntas J. Jorge, o Dr. Annibal Freire, o Dr. José Rodrigues da Costa Dória. Em 05 de dezembro de 1928 esse ato foi referendado através do Decreto-lei nº

5.591 com a participação ativa do Dr. Getúlio Vargas.¹⁹

Terminada a gestão do Desembargador Simeão Sobral em 1924, os sócios em Assembléia Geral elegeram por unanimidade em junho, o Dr. Maurício Graccho Cardoso para presidente da Associação Aracajuana de Beneficência, mas na sessão seguinte em setembro, o mesmo se disse impossibilitado e conclama a todos para se unir em torno do Hospital, maior obra de caridade do Estado. Foram os seguintes presidentes eleitos a partir desta data:

1924 – Almirante Amyntas José Jorge Prudente. Foram efetuadas mudanças nos estatutos, e a duração dos mandatos passou a ser de dois anos.

1925/1926-Almirante Amyntas José Jorge Prudente. Afasta-se do quadro de médicos, o Dr. Augusto Leite, insatisfeito com as condições de funcionamento do Hospital.

1927 – Renúncia de Amyntas Jorge (maio). Nessa época, foi extinto o Encapellado Santo Antônio. Isso desencadeou uma luta jurídica muito grande por parte da Associação Aracajuana de Beneficência para readquirir seus direitos, que só vai acontecer em 24 de maio de 1992.

1927 a 1930 (junho) – Dr. João Alfredo de Marsillac Motta.

1930(julho) a 1931 (setembro) – Dr. João Alfredo de Marsillac Motta (renúncia).

1931 (outubro) a 1942 (julho) – Coronel Francisco de Souza Porto.

1942/1944 – José Garcez Vieira. Aprovação dos novos Estatutos quando o hospital que era denominado de Hospital de Caridade passou a se denominar Hospital Santa Isabel.

1944/ 1946 – José Garcez Vieira.

1944/1950 – Orlando Vieira Dantas. Reforma de Estatutos com introdução de

um artigo 29 que versa que o Hospital será dirigido por um médico por livre escolha do presidente da Associação.

1950/1957 – Construção da Maternidade Dr. João Firpo com a alienação de duas casas vendidas ao Colégio Salvador com a finalidade de construir um edifício na zona comercial da cidade (não tornada realidade).

1957/1959 (fevereiro) – Dr. Manuel Ferreira da Silva Neto

1957() a 1963 – Dr. Gileno da Silveira Lima. Ampliação e modernização do Hospital para melhor atendimento da população com a construção de com o orçamento orçado em cinco milhões de cruzeiros às custas da alienação do antigo Talho de Carne Verde e com os recursos de dois imóveis na cidade vendidos na administração passada.

1963/1967 – Dr. Gileno da Silveira Lima.

1967/1971 – Dr. Antero Pales Carozo. Mudança de Estatutos.

1971/1973 (fevereiro) – Dr. Antero Pales Carozo.

1973/1979 – Dr. Paulo Emílio Lacerda Mota.

1979/1981 – Dr. Everton de Oliveira

1981/1983 – Dr. José Carlos Pinheiro da Silva.

Como já mencionado, o Hospital possuía duas enfermarias, uma destinada ao sexo feminino e outra ao masculino. Contudo, os doentes de todos os tipos permaneciam em uma só ala, pois não era realizada a separação por tipologia patológica dos indivíduos. Isso gerava promiscuidade, riscos de contaminação bem como a possibilidade de contrair infecção. Ou seja, o hospital não possuía os preceitos de higiene que estavam sendo discutidos naquela época. Essa característica gerava desconfiança da população, chegando produzir um temor pelo local. O hospital era visto como sinônimo de morte. O Dr. Walter Cardoso discursando em 18 de janeiro de 1959 caracterizou a assistência

¹⁹ Ata da Associação Aracajuana de Beneficência

médica em Sergipe nas primeiras décadas do século XX como a ante-sala da morte e somente os miseráveis desgraçados e a procuravam.

A partir de 1932, com a introdução do processo das intervenções estaduais diretas nas instituições, o hospital passa por uma reforma, buscando se enquadrar nas normas de saúde vigentes. Lentamente o hospital se desenvolveu, incorporando os princípios de bacteriologia, da patologia e das análises laboratoriais. Foram efetuados melhoramentos nas enfermarias dos homens e das mulheres e criadas novas instalações, como o pavilhão dos tuberculosos e o pavilhão das crianças.

Já em 1953, o hospital contava com 120 leitos, o dobro do número de leitos quando da sua mudança para o bairro Santo Antônio.

III – BIBLIOGRAFIA

1. Leite, Augusto: **Palavra de Cirurgião**. Aracaju: Livraria Regina, 1966.
2. Cruz, José: **Assistência Médica – Sanitária e Médica – Social em Sergipe**. Aracaju: Publicação de Departamento Estadual de Estatística de Sergipe, 1954.
3. Santana, Antônio Samarone: **As Febres do Aracaju: Dos miasmas aos Micróbios**. Aracaju: 1997.
4. Sobral, Simeão Vieira: **A Saúde Pública em Sergipe**. Aracaju: 1932.

Hospital de Cirurgia

O panorama dos hospitais sergipanos da época da administração do Dr. Graccho Cardoso(1922-1946) não agradava nem a

população nem tampouco a classe médica. Eles eram vistos como espaços de precariedade, com uma assistência hospitalar que não seguia as normas médicas da atualidade. Portanto os hospitais não tinham a confiança da população e eram sinônimos de morte e não de cura. Nem mesmo o Hospital Santa Isabel que possuía um caráter filantrópico, apesar de ser o único centro de atendimento da população aracajuana, antes da construção do Hospital de Cirurgia e do Instituto Parreiras Horta.

A partir da iniciativa do Dr. Augusto Leite, que em reunião com o Governador expôs o quadro dos hospitais do Estado, comunicando-lhe que a situação de promiscuidade, higiene e insalubridade colocava em risco a saúde dos mesmos. O Dr. Graccho Cardoso se dispôs então a construir um Hospital Geral que seguisse os critérios da modernidade médico-científica da época e que trouxesse cura e conforto para os pacientes, bem como, também serviria como centro de pesquisa, de estudos e de aprendizagem dos profissionais de saúde, numa perspectiva de Hospital-Escola.²⁰

A obra foi de grande vulto e obteve um oneroso gasto das contas públicas, apesar de que devemos ressaltar que a construção também obteve recursos financeiros particulares angariados pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de Sergipe que tinha à frente o Dr. Augusto Leite. Assim, o antigo areal da rua Barão de Maruim foi sendo modificado para dar espaço ao mais novo prédio público de Sergipe proporcionando um novo ciclo médico social. Sua inauguração se deu de forma festiva em 02 de maio de 1926, e em junho já contava com 70 leitos,

²⁰ SANTANA, Antônio Samarone de . A saúde pública em Sergipe: como tudo começou (1922-1926). Correio de Sergipe. Suplemento especial, 7 set. 2003.

ambulatórios, farmácia, sala de curativo, enfermarias, apartamentos, laboratório, radiologia, centro cirúrgico e todo equipamento cirúrgico necessário para as intervenções que houvesse necessárias.

A sua administração ficou em forma de uma fundação e as irmãs missionária da Imaculada Conceição, religiosas alemãs, realizaram um trabalho sério para dar provimento e andamentos as ações ali concentradas.

Instituto Parreiras Horta – “A Casa Científica”

O Dr. Paulo de Figueiredo Parreiras Horta após um longo período trabalhando na cidade do Rio de Janeiro nas áreas das fisiopatologia, medicina experimental, septicemia hemorrágica, estudos das doenças fisiológicas, microbiologia e após trabalhar no Instituto Manguinhos, referência da medicina científica nacional, criado e dirigido por Oswaldo Cruz, vem para Sergipe a convite do governo de Graccho Cardoso, que já o conhecia da cidade do Rio de Janeiro.

Tornou-se grande amigo do Dr. Maurício Graccho Cardoso, e este, quando estava no Rio freqüentemente se encontrava com o Dr. Parreiras Horta para trocar idéias. Foi esta amizade, além do seu espírito empreendedor que o fez aceitar o convite de vir para Sergipe e aceitar o desafio de construir e fundar o Instituto Parreiras Horta. À convite do Governador do Estado de Sergipe, Graccho Cardoso, sendo hóspede especial do Governo, veio para Aracaju em 1923. O Dr. Parreiras Horta aceita o desafio de construir e fundar um Instituto com a finalidade de realização de pesquisas médicas voltadas para o insumo básico, vacina antivariólica, análise clínica, bacteriológica e química. Este Instituto já estava previsto no governo e isso pode ser

observado durante leitura da Lei 836 de 14/11/1922.

Foi uma mudança que mobilizou toda a sua família, pois trouxe com ele, sua esposa Ruth e com seis filhos pequenos, deixando em Petrópolis seus filhos Paula e Carlos que estavam estudando. Em Aracaju se dedicou com empenho na fundação do Instituto Parreiras Horta, instituição que foi criada através da Lei nº 836 de 14 de novembro de 1922, destinada a completar a nova estrutura de Saúde Pública estadual. Foi responsável por toda a concepção arquitetônica e organização funcional da nova entidade, acompanhando diariamente a construção do prédio, tijolo por tijolo, localizado no mesmo lugar onde ainda hoje presta serviços a comunidade sergipana. O Instituto tinha como finalidades principais a produção de insumos básicos, combater a raiva, produção de vacina anti-variólica, laboratório de análise clínica, bacteriológica e química, além de funcionar também como um centro de pesquisas médicas. O início da construção em 23 de julho de 1923 repercutiu favoravelmente no meio médico e na sociedade sergipana porque através da sua capacidade científica poderia contribuir para esclarecer as chamadas “febres de Aracaju”, como também contribuiria decisivamente para elevar o padrão do atendimento da saúde da população, através dos exames de laboratório, contribuindo concretamente para o exercício da medicina científica em Sergipe.

O Dr. Parreiras Horta foi encarregado por todo o projeto da construção do prédio e da organização funcional da instituição que foi inaugurado em 05 de maio de 1924. Estava organizada com as seguintes seções:

- Secção anti-rábica, destinada ao preparo das vacinas anti-rábicas para uso humano e animal.

- Secção anti-variólica, destinada ao preparo da vacina variólica.
- Secção de Microbiologia e Parasitologia, destinada ao estudo das doenças microbianas e parasitárias existentes no Estado.
- Secção de Produtos Biológicos, para preparação de produtos biológicos, quer humano, quer animais. Entre estes produtos figurava uma vacina Typho-paratyphica.

O funcionamento pleno da instituição permitiu o esclarecimento etiológico da “febre de Aracaju” identificada como febre tifóide.

A fabricação de vacinas contra as febre tifóide e paratifóide.

Esclarecimento diagnóstico de casos de difteria.

Auxiliar laboratorialmente no diagnóstico das enfermidades: actinomicose, angina de Vincent, aspergiloses, blenorragia, cancro mole, carbúnculo, cólera, erisipela, estreptococias, febre recorrente, febre amarela, filariose, cistos hidáticos, leishmaniose, lepra, meningite cérebro espinhal, mormo, paludismo, peste, pneumococias, espiroquetoses, estafilococias, sífilis, tricoficias, tétano, tifo exantemático e verminoses.

Preparação de vacina anti-rábica.

Fabricação e distribuição de vacina anti-variólica.

Tratamento de pessoas mordidas por animais com a raiva.

Desde 05/05/1924, data da sua inauguração, o Instituto no qual levou o nome do seu criador funcionou durante muito tempo como um Centro de Pesquisa Médica. Um dos trabalhos mais divulgados no Instituto foi o de esclarecer sobre as chamadas “Febres de Aracaju”, hoje febre tifóide. As febres eram uma epidemia considerada desconhecida até pelo Dr. Oswaldo Cruz, que ficou assim

conhecido por trazer, segundo ele, características exclusivamente da cidade, em que não se conheciam nem a origem nem tampouco a propagação dessas febres.²¹

Nos seus primeiros anos de funcionamento os laboratórios do Instituto Parreiras Horta podia realizar exames de sangue como hemograma completo dosagem da glicemia, reações de Wasserman, soro aglutinação para germes do grupo tifo e paratifo, hemoculturas, pesquisa de filaria, pesquisa de sangue nas fezes, pesquisa do hematozoário de Laveran e outros exames bacteriológicos, como exames de pus, escarro, pesquisa de treponema, exame do liquor, dosagem de albumina, exame completo de urina, exame de placas suspeitas de difteria e o exame bacteriológico da água.

No campo dos insumos, produzia os medicamentos como o óleo canforado, cafeína, sparteína, iodeto de sódio a 10%, tártaro emético, água bidestilada, cianeto de mercúrio, soro fisiológico e soro glicosado.

Em dezembro de 1925 o Dr. Parreiras Horta ao terminar mais uma das suas bem sucedidas missões, tendo contribuído decisivamente para o desenvolvimento das práticas médicas e a implantação da medicina científica em Sergipe, retorna ao Rio de Janeiro, deixando em seu lugar como diretor da nova instituição, o médico Dr. João Firpo Filho.

Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe – ITPS

²¹ SANTANA, Antônio Samarone de . As febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios. Dissertação de mestrado. UFS/NPCS: São Cristóvão, 1997

O processo modernizador também alcançou as áreas de tecnologia e o estado de Sergipe em busca de uma competitividade frente aos avanços da industrialização, lança durante o governo de Graccho Cardoso um projeto de construção de um Instituto a fim de cumprir uma exploração eficiente das indústrias sergipanas. Nesse sentido, cria através do Decreto 825 de 27 de junho de 1923, o Instituto de Química, tendo à frente o farmacêutico-químico Dr. Antônio Tavares de Bragança. Este, “um homem que sempre dedicou suas pesquisas no campo do processo de industrialização de recursos naturais regionais, visando aumentar a capacidade produtiva do Estado e Sergipe.”²² Ficando na direção do Instituto de 1924 a 1948, Dr. Bragança dedicou-se aos incentivos, produção e aperfeiçoamento e aprimoramento de matérias-primas para um melhor aproveitamento e aprimoramento de produtos.

O Instituto de Química funcionou como um centro de pesquisa e formação de químicos analistas direcionados para as áreas laboratoriais e industriais do estado e por conta dos seus resultados positivos alcançados durante os anos, transformou-se no final da década de quarenta no Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe – ITPS, realizando o sonho alimentado por muito tempo pelo Dr. Bragança. O ITPS foi a célula embrionária da formação da Escola Superior de Química, que inclusive funcionou nas mesmas instalações.²³

Faculdade de Odontologia e Farmácia “Aníbal Freire”

²² SANTOS, Péricles de Souza. Antônio Tavares de Bragança. Caderno do Estudante. Ano II, nº 2. UFS: São Cristóvão, 1982

²³ FONTES, José Barreto. Escola de Química: o sonho de um idealista. Caderno do Estudante. Ano VIII, nº 8. UFS: São Cristóvão, 1991.

A busca pela qualificação e formação dos profissionais na área de saúde que atuavam em Sergipe sempre esteve em pauta de discussão durante o governo de Graccho Cardoso. Prova disso é que em Portaria de 19/04/1923, o Dr. Phoncion Serpa, responsável pelo Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural exercido através do Departamento Nacional de Saúde Pública em Sergipe, observando o que já preceituava as regras federais de saúde já existentes, determinou a fiscalização quanto ao exercício da medicina, solicitando que médicos, dentistas, farmacêuticos e enfermeiras tivessem os seus diplomas devidamente registrados no órgão citado.²⁴

Outra atitude nesse sentido foi à criação através do Decreto Estadual 913 de 15/12/1925, da Faculdade de Odontologia e Farmácia “Aníbal Freire”. O objetivo era ter uma instituição de ensino superior que diplomasse os sergipanos e promovesse o combate ao charlatanismo, contudo essa intenção durou pouco. A referida Faculdade iniciou suas atividades em 05/04/1926 com 22 alunos matriculados, porém em novembro do mesmo ano, já no governo de Cyro Franklim, seu andamento foi suspenso por motivos financeiros, não retornando mais a funcionar.

Este breve intervalo de existência deixou apenas um legado como marco da história do ensino superior em Sergipe.

²⁴ SANTANA, Antônio Samarone de. A saúde pública em Sergipe: como tudo começou (1922-1926). Correio de Sergipe. Suplemento especial, 7 set. 2003.

PIONEIROS

AUGUSTO CÉSAR LEITE

Data de Nascimento: 30/07/1886

Local: No Engenho Espírito Santo, município de Riachuelo – SE

Filiação: Francisco Rabelo Leite e Maria Virgínia Acioli Leite

Iniciou os estudos primários na cidade de Riachuelo e o curso de preparação nos colégios “Sebrão” e “Carneiro Ribeiro”, em Salvador – BA.

Matriculou-se na Faculdade Nacional de Medicina em 1903, da qual sairia doutor em ciências médicas em 2 de janeiro de 1909.

Sob inspiração do Prof. Miguel Couto escreveu a tese de formatura “Da contra-indicação renal ao emprego do solícilato de sódio”.

Foi citado posteriormente, pelo Prof. Miguel Couto em um dos seus livros – *Clínica Médica*.

Também recebeu citação, à época, do Prof. Pedro A. Pinto.

Em 1909, além da formatura em Ciências Médicas, graduava-se em Humanidades.

Aos 3 de maio de 1909, chegava à Capela, trazido pelos Drs. Gonçalo Rolemberg, Acioli, Manoel Cruz e José de Faro, hospedando-se no sobrado do Dr. José Luiz Coelho Campos, para iniciar sua vida profissional.

Sua estadia em Capela foi de apenas 3 meses. Transferiu-se para Maruim, permanecendo até fins de outubro de 1909.

Já em novembro do mesmo ano, estabelecia-se em Aracaju, iniciando suas atividades de Clínica Médica.

Em janeiro de 1913 começou a trabalhar no Hospital Isabel, atendendo convite que lhe fora formulado pelo Desembargador Semião Sobral.

Nomeado Diretor da Escola de Aprendizizes Artífices de Aracaju (hoje Escola Técnica Federal de Sergipe – seu primeiro dirigente) por decreto de 6 de janeiro de 1910, tomou posse a 5 de fevereiro seguinte, sendo exonerado em 1916 por ter sido nomeado, a 24 de julho do mesmo ano, professor catedrático de noções de higiene geral e desenvolvimento da história natural aplicável à agricultura, à zootecnia e outros ramos da indústria nacional, do Atheneu Sergipense.

Em julho de 1913 viajou para a Europa; em Paris encaminhou seus estudos para a Clínica Cirúrgica.

Ainda em Paris fez intensivo curso particular de técnica operatória na Escola Prática da Faculdade de Medicina, sob orientação do professor Michel Deniker.

Em seguida, assistiu a muitas aulas de clínica médica ministradas pelo Prof. Widal.

Dando continuidade a seus projetos, freqüentou várias clínicas, participando de cursos de especialização com renomados médicos. De partos, com Cauvelaire; de cistocopia, com Papin; de olhos, com Lapersone; de otorrino, com Sebilleau; de moléstias da nutrição, com Marcel e Henri Labbé.

Retornou a Aracaju e pouco depois iniciava no Santa Isabel a prática de cirurgia geral.

No 9/11/1914 realizava a primeira grande cirurgia em Sergipe, trata-se de um “Fibromioma Uterino”.

Em agosto de 1916 foi nomeado membro efetivo do Conselho Superior da Instrução Pública e eleito membro do Conselho Municipal de Aracaju para o biênio 1917-1919.

Em fevereiro de 1918 passou a reger a cadeira de História Natural do Seminário Diocesano de Aracaju.

Em 1920 participou de estágios de aperfeiçoamento na Clínica Mayo, nos Estados Unidos.

Nesse mesmo ano (1920) voltava a Paris para novos cursos.

Mudou-se para a cidade de Recife em agosto de 1922, de onde retornou no ano seguinte, após fechar seu consultório.

Em 1º de novembro de 1923 batia, ao lado do Presidente Maurício Graccho Cardoso, a pedra fundamental do Hospital de Cirurgia.

Em agosto de 1925 assistia, em Genebra, o 1º Congresso Internacional da Criança.

No dia 2 de maio de 1926 era inaugurado o Hospital de Cirurgia.

O Hospital de Cirurgia foi construído e instalado com um patrimônio total avaliado em 667.545\$585.

Em 1928 assumiu, como Diretor do Hospital de Cirurgia, a responsabilidade de instalar e manter uma Maternidade no prédio situado à Av. Ivo do Prado, oferecido ao Estado, nove anos atrás, para esse fim, por Francino Melo.

Ainda em 1928, obteve a concordância do Governo e doador, para efetuar a venda do prédio da Av. Ivo do Prado e iniciar a construção da Maternidade em terreno anexo ao Hospital de Cirurgia.

Conseguiu, na época, importante ajuda financeira do comerciante Francino Melo.

Em setembro de 1930 inaugurava a “Maternidade Francino Melo”, equipada exclusivamente às expensas do Hospital de Cirurgia.

Em junho de 1931 nascia a primeira criança na Maternidade Francino Melo, coincidindo com a instalação do consultório pré-natal e higiêno-infantil.

Nessa época, Augusto Leite instalava com inigualável pioneirismo o Programa “Gota de Leite”.

Iniciava, desde então, uma série de trabalhos em prol da criança, materializando seus planos traçados a partir de sua presença no 1º Congresso

Internacional da Criança – Genebra, 1925.

Foi assim que, em setembro de 1931, promovia a Semana da Criança, uma das primeiras do país, sob o patrocínio da Academia Sergipana de Letras.

Realizava, com igual sucesso, o Concurso de Robustez.

Ainda em 1931, Augusto Leite lançava os alicerces do Hospital Infantil.

Novembro de 1932, entendimentos com Moncorvo Filho para a instalação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância de Sergipe.

Em junho de 1933 concretizava mais um grandioso anseio, ao instalar o Instituto de Proteção e Assistência à Infância de Sergipe, filiado ao Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro e estatutariamente vinculado ao Hospital de Cirurgia.

Em 1937 inaugurava o Hospital Infantil e logo em seguida o Lactário.

Em 01/01/1939 iniciou em convênio com a Prefeitura de Aracaju, o Serviço de Pronto Socorro.

Em 1941, Augusto Leite promovia o 1º Curso de Puericultura do Estado, em colaboração com o Departamento Nacional de Saúde Pública.

Já em 1942, era criado o inusitado Serviço Obstétrico Domiciliar.

21/08/1942 – o Hospital recolheu em suas enfermarias 8 naufragos dos vapores “Baependi”, “Araraquara” e “Anibal Benevolo”, torpedeados pelos submarinos alemães.

05/09/1942 – Augusto Leite enviou ao Exmo. Sr. Interventor Federal neste Estado um telegrama no qual dizia que o Hospital de Cirurgia está com o seu pessoal e os elementos materiais de que dispõe, ao serviço do Brasil.

18/12/1942 – Augusto Leite assiste, na Bahia, a formatura em Medicina, do seu filho Osvaldo Leite.

19/12/1943 – Augusto Leite dirige a Mario Koeff solicitação para que o Serviço Nacional de Câncer conceda orientação e apoio à criação do Centro de Cancerologia do Hospital de Cirurgia.

Em meados de 1943 Augusto Leite conseguiu realizar em Sergipe a 1ª vacinação de BCG.

Início da construção do novo pavilhão da Maternidade – outubro de 1943.

Em março de 1946, Augusto Leite inaugurava o novo pavilhão da Maternidade.

Nesse mesmo ano, Augusto dá início à materialização de um dos seus grandes sonhos – assenta a pedra fundamental do Centro Materno Infantil – pré-nupcial, pré-natal, higiene infantil, lactário, cantina maternal, imunização, raios x, cadastro torácico, laboratório, serviço dentário, otorrinolaringológico, escola de mãezinhas, casa maternal, ninho, agência de serviço social.

De julho a dezembro de 1946 promovia a 1ª Bolsa do Departamento Nacional da Criança, que se constituía de um curso intensivo de auxiliar de Serviço Social, colocação familiar, auxílio financeiro, etc. De março a setembro de 1947 era realizada a 2ª Bolsa do DNC, voltada para o Serviço Social Médico, com ênfase da clínica sífiligráfica.

Em 1947 a Casa Maternal “Amélia Leite” começava a funcionar em instalações provisórias.

1948 – Augusto Leite iniciava a construção da Escola Auxiliar de Enfermagem.

Promovia em 1948 o 2º Curso de Puericultura no Estado, contando com a colaboração da LDA e do Departamento Estadual de Saúde Pública.

Ainda neste ano inaugurava a Cantina Maternal.

Em 1949, deu início aos trabalhos de ampliação do Hospital Infantil.

No ano seguinte, Augusto Leite inaugurava a mais moderna e bem organizada Escola de Auxiliar de Enfermagem da região nordestina.

Ainda em 1950 era também inaugurado o Centro Materno Infantil.

E como se tratou de ano de grandes realizações, Augusto Leite iniciava a montagem do Serviço da Clínica Ortopédica do Hospital Infantil.

Em 1955 participou do 1º Congresso Nacional de Hospitais e 1ª Conferência Nacional de Diretores do Serviço de Assistência Hospitalar.

Aos 50 anos de profissão, recebeu a Comenda da Ordem de São Silvestre.

.....
... Gileno Lima, de Antero Carozo, sobretudo estes, dentre outros, que tudo fizeram e têm feito para o beneficiamento e a atualização do velho hospital.

Dois dias depois de feliz banquete do palácio do governo, após uma laparotomia no “Santa Isabel” assistida por Parreiras Horta, em conversa com o mesmo, diz o Dr. Augusto recordando os fatos, em 1938: “Tive a impressão de que” ... “a idéia do meio cirúrgico estava de pedra e cal”. Diz mais: “Telegrafei para Recife, mandando fechar meu consultório ali. Fiquei em Sergipe, para servir a Sergipe”.

A 2 de maio de 1926, solenemente era inaugurado, surgiu no areal da Thebaldinha, o novo hospital, que por sua precípua finalidade, tomou o nome de “Hospital de Cirurgia”. Hoje, com o nome de “Hospital de Clínicas Dr. Augusto Leite”, ainda dá o nome ao bairro onde nasceu, agora densamente povoado, o “Bairro Cirurgia”. Foi entregue sua administração, na presença do governador, sob as bênçãos da Igreja Católica pelas mãos do Bispo D. José Thomaz Gomes da Silva, às Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição. Eram elas: Irmãs Úrsula, Bernardina,

Berarda, Theodata e Clara, todas alemãs. Esta última ainda hoje está no Hospital, à frente do “centro cirúrgico”, que agora, em sua homenagem, traz o seu nome; tem quatro salas para operação, serviços de esterilização, arsenais cirúrgico e anestésico, rouparia e sala dos médicos.

A 14 de junho de 1926, finalmente, iniciava-se o trabalho médico-cirúrgico do hospital, estreando-se três salas. Dr. Augusto Leite, ajudado por Dr. Eronides, fez uma laparotomia, abriu um abdômen, para a retirada de um fibroma uterino e também a retirada do apêndice cecal. Dr. Eronides de Carvalho fez, auxiliado por Dr. Augusto, uma talha hipogástrica, abriu uma bexiga para retirar um cálculo urinário. Dr. Lauro Hora fez as anestésias. Eu fiz uma facetomia, abri um olho, para extração de uma catarata, auxiliado por Dr. Augusto. O enfermeiro José Ribeiro e a Ir. Clara auxiliaram, nas salas, as intervenções. Os acontecimentos desse dia, memorável nos fatos da medicina sergipana, trouxe-nos, a todos que neles tomamos parte, contentamento, satisfação e por que não dizer, também orgulho.

O Dr. Augusto continuou, entretanto, a operar também no velho hospital; porém, a 8 de outubro do mesmo ano (26), em carta respondendo ofício do Presidente da “Associação Aracajuana de Beneficência”, Almirante Amynthas Jorge, deixou o “Santa Isabel”, manifestando a sua natural estranheza e justa revolta pela “desatenção”, “injustiça” e “gratidão” com que era tratado, ao lhe ser comunicado, de surpresa, haver o “Conselho Administrativo” da Associação, resolvido “suprimir o serviço de alta cirurgia, até aqui, tão proficuamente zelado e executado”. A dor sentida por esse fato foi tão grande, que o Dr. Augusto só voltou ao “Santa Isabel” no dia em que esse Hospital completou o seu 1º centenário de existência, a 16/02/1962,

por insistência do Dr. Gileno Lima, então Diretor. Cicatrizado já estava o antigo ferimento.

Até aquela data, outubro de 1926, haviam sido praticadas naquele velho nosocômio 408 laparotomias, sendo 147 por fibromiomas uterino; 19 tiroidetomias; 61 talhas hipogástricas; 11 esplenotomias, e muitas outras operações de menor perigo que nunca haviam sido feitas em Sergipe.

O Hospital de Cirurgia continuou sua vida sempre vitoriosa, apesar de ter passado suas fases de aperturas, mesmo financeiras, dificuldades e sofrimento. Seus primeiros passos, incertos e inseguros, foram amparados e fortificados. Sua primeira infância e adolescência foram bem cuidadas. Sua puberdade sofreu crises, porém foram contornadas. Houve, por essa época, quem o quisesse tomar para o governo federal, com o nome de “Centro Hospitalar Getúlio Vargas”. Isso não vingou, todavia. Cresceu e prosperou. Tornou-se um hospital geral, também de clínica médica não só cirúrgica, onde as várias especialidades foram sendo exercitadas.

Surgiu a Maternidade, para cuja construção e aparelhamento contribuiu o coração e o bolso de particulares, sobretudo de Francisco Melo, de quem tomou o nome.

O primeiro parto foi feito por Otaviano Melo, o segundo por Ávila Nabuco, o terceiro por Carlos Menezes, o quarto por João Firpo. Quatro colegas também, como no Hospital inauguraram a Maternidade.

Levantou-se um Pavilhão Infantil, com grande auxílio do governo estadual e federal. Aumentou-se a capacidade de internamento geral. Melhorou-se o serviço de Raios X. Criou-se serviço de eletro fototerapia. Vieram novos laboratórios para análises clínicas e anátomo-patológicas. Construiu-se um

grande pavilhão com três pisos, para Centro de Puericultura, Casa Maternal e Escola de Auxiliares de Enfermagem. Para esta escola, veio e assumiu a direção uma enfermeira experimentada e competente, Isabel Mac Intire, britânica de nascimento. Muitas de suas diplomadas têm ido prestar serviços em cidades maiores e de mais progresso que o nosso. De países estrangeiros têm vindo para Sergipe, fazer estágio, algumas enfermeiras.

Os serviços clínicos foram sempre sendo renovados e criados outros, como, ao tempo, o de esquistossomose, o de cancerologia. Neste, a cargo do doutor Osvaldo Leite, foi instalada a aparelhagem para rádio e raioterapia. O rádio-diagnóstico, em geral, continuou a cargo dos competentes colegas Lourival Bomfim e Clovis Conceição, depois completado por Airton Teles. O serviço de ambulatório foi ampliado, com o aumento dos serviços clínicos especializados. A capela, mudada de local, foi aumentada no seu tamanho, tornando-se mais alegre.

A 18 de outubro de 1943 batia-se a pedra para a construção do novo pavilhão para a Maternidade. Para essa ampliação, foram gastos donativos do governo federal, estadual e municipal e de particulares. Anexo à Maternidade funcionam os consultórios de higiene pré-natal, higiene infantil, serviço de imunização, lactário, escola de mãezinhas e serviço de partos a domicílio.

Por esse tempo, planejou o Dr. Augusto a construção da “Casa Maternal”, que depois de pronta recebeu o nome de “Amélia Leite”. Nela são abrigadas mães adolescentes e mães solteiras, mães sem posses e mães envergonhadas; filhos desamparados e filhos sem pais. Funciona a “Casa Maternal” com regime de internato e de externato; deste faz parte a “Escola Maternal Raio de Sol”, para

pequenos de 2 a 3 anos. Essa casa é um prolongamento do Hospital de Cirurgia e nestes últimos anos tem sido a “menina dos olhos” do Dr. Augusto.

Nos jardins internos do Hospital de Cirurgia está erguido, em pedestal de granito, um busto de bronze do seu idealizador e construtor. Idéia do Dr. Otávio Melo, foi de imediato endossada por todos os colegas que o mandaram levantar. Foi uma justa homenagem prestada àquele que sempre exerceu a Medicina com o mais alevantado e puro devotamento. A matriz em gesso daquele busto foi dada à guarda do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Este que vos fala agora foi o encarregado, então, de fazer a entrega. Asseverei, com justiça e com justeza, no momento: A rizeza do bronze que ficou no “Hospital” tem de expressar para sempre a firmeza com que Augusto Leite, pelo seu saber, tem podido ser útil à humanidade sofredora.

Dr. Augusto também foi o idealizador da “Fundação Manoel Cruz”, destinada, a princípio, a deficientes físicos, com ambulatório médico. Hoje entregue à “Congregação Religiosa da Imaculada Conceição”, mantém ela o novo Hospital São José”, ora em crescente progresso, com modernas instalações.

Estando o Hospital de Cirurgia com perfeitas e modernas instalações já em funcionamento, com o seu corpo clínico já numeroso e bem orientado, perguntava-se por que Sergipe não tinha ainda a sua Faculdade de Medicina; o Dr. Garcia Moreno, conta o Dr. Augusto, “soprou-me aos ouvidos a sua idéia” e depois “metia-me nas mãos a lista dos médicos que poderiam compor o quadro de professores da Faculdade de Medicina”. Foi considerada uma “idéia prematura”, sem possível realidade. Corria o não de 1951. Ao mesmo passo, em sessão do Centro de Estudos do “Cirurgia”, o Dr.

Benjamim Carvalho, com vigor e entusiasmo “levantou a lebre”, também. Em cada ocasião, fomos eu, Benjamim e Fernando Sampaio a Maceió, verificar e estudar lá como foi que sua Faculdade foi criada, organizada e logo reconhecida pelo governo federal. Queríamos seguir o seu roteiro. Correram os anos. A efetivação da idéia foi difícil, até que em 1954, fundou-se a “Sociedade Civil Faculdade de Medicina de Sergipe”. Feitos, aprovados e registrados os seus Estatutos, foi eleito Dr. Augusto para a presidência.

.....

**ANTÔNIO GARCIA FILHO
UM HOMEM, UMA LENDA, UMA
MARCA**

DADOS PESSOAIS
(29-05-1916 / 22-06-1999).

Antônio Garcia Filho, nasceu a 29 de maio de 1916, na cidade de Rosário do Catete, Sergipe. Filho de Antônio Garcia Sobrinho e Antônia Menezes Garcia.

Casou-se com Waldete Conde Garcia, com quem chegou a celebrar Bodas de Ouro.

Teve quatro filhos: Eduardo Antônio, Sérgio, Renata e Cristina Maria. Era de religião Católica Apostólica Romana.

Faleceu a 22 de junho de 1999, mas está vivo para todos aqueles que cultuam um bom exemplo de dignidade, integridade e homem de boa fé.

O MÉDICO

Antônio Garcia estudou na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se formou em 1941, iniciando sua profissão como Clínico Geral na cidade de Laranjeiras, Sergipe. Aí trabalhou por cerca de 5

(cinco) anos, transferindo-se em 1945 para Aracaju.

Conseguiu grande reputação como Clínico Geral e Anestesiologista, pois a medicina para Antônio Garcia era o prazer de dar o bem-estar aos seus pacientes.

Foi membro do corpo clínico e diretor do Hospital Santa Isabel e do centro de Estudos do Hospital de Cirurgia, fazendo parte, também da Mesa Administrativa deste hospital.

Como médico anestesiologista do Hospital de Cirurgia e do Hospital Santa Isabel, introduziu em Sergipe a técnica de intubação endotraqueal, permitindo a modernização e a redução dos riscos durante os procedimentos anestesiológicos de porte elevado. Também foi o introdutor do uso de agentes anestésicos modernos, tais como o halotano, usados nos procedimentos de anestesia geral.

Implantou em Sergipe, as técnicas de hipotermia sistêmica para o tratamento de doenças como a porfúria aguda e neurólise para o tratamento da dor crônica, geralmente associadas as tumorações malignas.

Publicou “A Reabilitação em Sergipe”, um livro documentário sobre a chamada 3º. Fase da Medicina, além de vários trabalhos versando sobre técnicas e procedimentos médicos relacionados a anestesiologia.

Foi membro da Academia Sergipana de Medicina e um dos fundadores da UNIMED, em Sergipe.

Antônio Garcia é um médico que serve como exemplo de padrão, competência e dignidade de um profissional de saúde para as demais gerações que seguirão.

O ADMINISTRADOR

Antônio Garcia foi o primeiro Secretário de Estado da Educação e Saúde do Estado

de Sergipe, cargo que exerceu durante o governo do seu irmão Luiz Garcia.

Como Secretário de Estado, idealizou e criou o Centro de Reabilitação Ninota Garcia para tratamento de deficientes físico, portadores de doenças locomotoras, cegos, surdos e surdos-mudos. Na época de sua inauguração, o “Ninota Garcia” foi o terceiro centro de reabilitação do Brasil, tendo sido antecedido apenas pelo “Sara Kubitscheck”, em Brasília, e pelo Instituto Baiano de Reabilitação em Salvador.

Ainda como Secretário de Estado, fundou a Faculdade de Medicina de Sergipe, sendo o seu diretor durante os primeiros 8 (oito) anos de sua existência, período correspondente a quatro mandatos, permitindo a sua concretização e consolidação como instituição de ensino superior. A faculdade começou a funcionar mantida pelo Governo do Estado de Sergipe em prédio construído para essa finalidade no Instituto Parreiras Horta.

Como Cidadão Político Atuante, foi membro fundador do Partido Socialista Brasileiro, em Sergipe e eleito vereador, presidindo a Câmara municipal de Aracaju.

Teve militância ativa em seu estado, editando e colaborando em vários jornais da capital sergipana como “O Nordeste”, “Letras Sergipanas” e principalmente no “Correio de Aracaju”, na “Gazeta Socialista” e “A Cruzada”, sendo diretor destes três últimos jornais.

Foi Presidente do Conselho Estadual de Cultura e da Liga Universitária Católica, grupo de estudo e de trabalho pastoral ligado à Ação Católica de Sergipe, entidade criada pelo Arcebispo D. Fernando Gomes.

O PROFESSOR

Antônio Garcia Filho foi um dos fundadores da Universidade Federal de Sergipe, sendo ostentado o Título de Professor Emérito.

Foi preparador dos laboratórios de química e física do Colégio Ateneu Sergipense, depois denominado Colégio Estadual de Sergipe.

Como professor universitário, foi o primeiro de Bioquímica da Faculdade de Medicina de Sergipe e depois do curso médico da Universidade Federal de Sergipe.

Constituiu-se, também, no primeiro professor de Anestesiologia do Estado de Sergipe, tendo fundado e exercido a cátedra no curso médico da Universidade Federal de Sergipe.

O POETA

Antônio Garcia Filho foi membro da Academia Sergipana de Letras, tendo ocupado a cadeira nº 1, patroneada pelo eminente pensador, jurista e filósofo sergipano Tobias Barreto. Foi eleito e reeleito presidente desta entidade por seus pares por 3 (três) mandatos consecutivos. Publicou o livro “Um Pensamento na Praça”. O livro é aberto com uma peça teatral, onde é demonstrada toda a sua versatilidade criativa e literária, onde não faltam conceitos sobre temas da atualidade, apesar de ter sido escrito nos anos 50. A Segunda parte do livro reúne excertos de pronunciamentos e trabalhos sobre personalidades do seu tempo e vários outros temas.

É autor de inúmeros ensaios literários publicados na imprensa sergipana.

Dentre suas atividades culturais, foi um dos idealizadores e fundadores do Festival de Artes de São Cristóvão, mantido pela Universidade Federal de Sergipe, evento onde são divulgados os trabalhos de artistas do Nordeste e do Brasil e onde se procura incentivar o

cultivo das artes no seio da juventude. Sendo, também, um dos idealizadores do Encontro Cultural de Laranjeiras, foro onde são debatidos temas da cultura popular, enfocando preferencialmente temas da cultura nordestina e dos diversos aspectos do folclore.

Foi um dos fundadores da Associação Franco-Brasileira de Cultura em Sergipe, Alliance Française, tendo presidido o Comitê Diretor dessa entidade por muitos anos.

Como intelectual ligado à Igreja Católica, publicou diversos estudos sobre o sentido cristão da vida, sobre a importância da evangelização e sobre o sentido renovador do exemplo de Cristo.

Foi ainda, um dos fundadores do Clube Sergipano de Poesia, entidade que presidiu por muitos anos.

O COMPOSITOR

Antônio Garcia Filho é o autor da música “Uma Canção para Aracaju”, premiada em concurso público para ser o Hino da Cidade de Aracaju. Autor do Hino Oficial do 28º Batalhão de Caçadores, guarnição do Exército Brasileiro, sediada em Aracaju Sergipe.

Quando universitário, ainda na Faculdade de Medicina da Bahia, cantava na Rádio Sociedade da Bahia.

É autor de várias composições musicais executadas por artistas da terra e, duas delas, gravadas pelo saudoso cantor Alcides Gerardi.

Foi um dos idealizadores e fundadores do grupo A VELHA GUARDA, que se propunha a divulgar a música de seresta.

HOMENAGEM

Há pessoas que não podem morrer
Há pessoas que não morrem jamais
Homens que não são homens
Lendas que não são lendas

Homens que são lendas
Lendas que são homens
Marcas perpétuas na história
Que perpetuam marcas na história que segue
Homem, Lenda, Marca.
Antônio Garcia Filho

ANTÔNIO GARCIA FILHO

INTRODUCAO

Antonio Garcia Filho foi um homem de grande importância por seu papel junto a comunidade sergipana, não apenas enquanto profissional de saúde mas principalmente enquanto um cidadão atuante. Foi administrador, professor, político, poeta, compositor, pai.

Este trabalho visa tão somente esboçar acerca da vida deste ser tão eclético, que conseguiu realizar tantos projetos, e através deles contribuir e muito para o engrandecimento do Estado de Sergipe.

DADOS PESSOAIS

Antônio Garcia Filho, natural de Rosário do Catete, Sergipe nascido a 29 de maio de 1916 sob a filiação de Antônio Garcia Sobrinho e Antônia Menezes Garcia. Católico, casou-se com Waldete Conde Garcia e com ela celebrou bodas de ouro. Teve quatro filhos Eduardo Antônio, Sergio, Renata e Cristina Maria. Faleceu a 22 de junho de 1999.

MÉDICO

Antônio Garcia Filho formou-se pela Faculdade de medicina da Bahia. Começou a exercer a profissão de Clínico Geral em Laranjeiras, interior de Sergipe onde permaneceu trabalhando durante

cinco anos. Em 1945 transfere-se para Aracaju onde consegue grande reputação como Clínico e Anestesiologista. Foi membro do corpo clínico e diretor do Hospital Santa Isabel e do centro de Estudos do Hospital Cirurgia, neste último exercendo também parte na mesa administrativa do hospital. Introduziu em Sergipe a técnica de intubação endotraqueal, modernizando e reduzindo riscos durante procedimentos anestésicos de porte elevado. Também iniciou em Sergipe o uso de agentes anestésicos modernos como o halotano nos procedimentos de anestesia geral como também foi responsável pela introdução de técnicas de hipotermia sistêmica (tratamento da dor crônica associada a tumores malignos). Escreveu um livro acerca da Terceira Fase da Medicina – “A Reabilitação em Sergipe” – e outros tantos trabalhos sobre técnicas e procedimentos de Anestesiologia. Membro da academia Sergipana de Medicina e um dos fundadores da UNIMED em Sergipe.

PROFESSOR

Antônio Garcia Filho foi preparador dos laboratórios de Química e Física do Colégio Ateneu Sergipense (depois denominado Colégio Estadual de Sergipe).

Foi também um dos fundadores da Universidade Federal de Sergipe na qual lecionou sob o título de Professor Emérito. Enquanto professor universitário foi o primeiro professor de bioquímica da Faculdade de medicina de Sergipe, posteriormente do curso de medicina da UFS. Ele também foi o pioneiro como professor de Anestesiologia do estado de Sergipe fundando e exercendo esta cátedra na Universidade federal de Sergipe.

ADMINISTRADOR

Foi o primeiro Secretário de Estado da educação e Saúde, durante o mandato de seu irmão Luis Garcia. Em sua gestão como Secretário de Estado Idealizou e criou o Centro de Reabilitação Ninota Garcia para que os deficientes físicos, portadores de doenças locomotoras, cegos, surdos e surdos-mudos pudessem ter um tratamento digno. Este foi o terceiro centro de reabilitação do Brasil na época de sua inauguração, ficando atrás apenas do Sara Kubitschek em Brasília e do Instituto baiano de reabilitação em Salvador. Fundou também a Faculdade de Medicina de Sergipe, entidade mantida pelo Governo do estado de Sergipe que funcionava em prédio construído no Instituto Parreiras Horta. Foi diretor desta instituição de ensino durante oito anos a partir de sua fundação, contribuindo em sua consolidação enquanto instituição de ensino superior.

POLÍTICO

Enquanto cidadão atuante Antônio Garcia Filho exerceu papel de destaque no cenário político do estado de Sergipe. Foi membro fundador do Partido Socialista brasileiro em Sergipe. Elegeu-se vereador e presidiu a Câmara Municipal de Aracaju. Exerceu uma militância socialista ativa em Sergipe, editando e colaborando com vários jornais de Aracaju – “O Nordeste” e “Letras Sergipanas” – e como diretor dos jornais “Correio de Aracaju” “Gazeta Socialista” e “A Cruzada”.

CIDADÃO

Foi presidente do Conselho Estadual de Cultural e da Liga Universitária Católica.

Este ultimo um grupo de estudo e de trabalho pastoral associado a Ação Católica de Sergipe (entidade criada pelo arcebispo Dom Fernando Gomes).

POETA

Antônio Garcia Filho ocupava a cadeira de numero um na Academia Sergipana de Letras, patronado por Tobias Barreto (filosofo, jurista e pensador de grande destaque). Presidiu essa entidade durante três mandatos consecutivos. Seu livro “Um Pensamento na Praça” e dividido em duas partes a primeira tratam-se de uma peça teatral que aborda conceitos acerca de temas que não foram defasados apesar do texto ter sido escrito há cinqüenta anos atrás, mas que persistem no nosso cotidiano. Já a segunda parte e uma seleta de pronunciamentos e trabalhos seja sobre as personalidades da época ou em relação a temas variados. Escreveu também muitos ensaios literários publicados na impressão Sergipana . Atuou como um mecenas idealizando e fundando o festival de artes de São Cristóvão no qual trabalhos de artistas nordestinos e brasileiros são divulgados, procurando incentivar a propagação da arte entre os jovens. Esse festival e mantido pela UFS. Também foi um dos que idealizaram o Encontro Cultural de Laranjeiras, foro de debates sobre temas da cultura popular, principalmente a nordestina. Ajudou a fundar a Associação Franco Brasileira de Cultural em Sergipe (Alliance Française), entidade cujo comitê diretor foi por ele presidido durante muitos anos.

Publicou diversos estudos acerca do sentido da vida para os cristãos, sobre a importância da evangelização e em torno do caráter renovador do exemplo do Cristo; dado sua posição enquanto intelectual relacionado ao catolicismo. Foi fundador do clube Sergipano de

Poesia do qual foi presidente por muitos anos.

COMPOSITOR

Enquanto estudante na faculdade de medicina da Bahia cantava na Radio Sociedade da Bahia. E autor de varias composições executadas por cantores sergipanos, duas delas gravadas por Alcides Gerardi. Sua musica, “Uma Canção para Aracaju”, foi premiada em concurso publico para ser o hino dessa cidade. Ele também e autor do hino Oficial de Vigésimo Oitavo Batalhão de Caçadores, guarnição do exercito brasileiro sediada em Aracaju.

Idealizou e fundou o grupo “A Velha Guarda” para divulgar a musica de seresta.

ANTONIO GARCIA FILHO

Como descrever a figura do médico, sergipano Antonio Garcia Filho, falecido há pouco mais de 2 anos, logo após completar 83 anos de vida.

Não e tarefa fácil. A importância de Garcia no contexto da vida medica do estado transcende qualquer analise, por mais apurada que seja.

Importância não somente na medicina, mas também na política e na cultura, em seus múltiplos aspectos. Garcia foi um homem que viveu intensamente o seu tempo e realizou coisas absolutamente fantásticas.

Em meados da década de 50, colegas seus tentaram fundar uma Faculdade de Medicina em nosso Estado mas não conseguiram. A historia mostra que ela só foi possível quando Garcia, no comando da Secretaria de Educação e Saúde, a época, propiciou todos os meios e superou todos os obstáculos para atingir esse objetivo. Foi dos piores na Anestesiologia e na Reabilitação em

Sergipe, primeiro diretor da Faculdade e também primeiro professor de Bioquímica na recém fundada Faculdade de Medicina. A lógica mandava ser ele o catedrático da Clínica Medica ou outra disciplina mais apropriada.

Quem lecionaria Bioquímica, matéria básica na qual os colegas eram poucos afetivos. Só poderia ser... Antonio Garcia!. Assim , viajou para Recife juntamente com Lourival Bomfim na Biofísica. Exemplos vivos de abnegação e altruísmo.

Quando os jovens médicos, funcionários do estado, reunidos em assembléia geral no antigo auditório completamente lotado da Somese, resolveram entrar em greve em protesto pelos baixos salários recebidos e realizar manifestações de rua, se depararam com a figura de Antonio Garcia que, com um manifesto nas mãos, entra em recinto e leva aos colegas grevistas a solidariedade dos médicos “mais antigos”, a turma da “velha-guarda”.

Em outra oportunidade, quando a prefeitura de Aracaju, comandada pelo médico Cleovansostenes Aguiar, promoveu concurso publico para escolher a musica oficial da cidade, o resultado final apontou como vencedora a canção “ARACAJU, UMA ESTRELA”, de autoria de Antonio Garcia.

Teria sido um pressagio. Uma pena que até hoje os governantes não tenha oficializado essa decisão popular e oficial.

Muitas melodias, muitas letras, muitas poesias, contos e encantos, serestas, hinos, solidariedade e afeto. Coração enorme de bondade e sede permanente de justiça social.

Orador fluente e inovador. Socialista convicto, católico, uma vida inteira com Waldete conde Garcia, sua esposa, com quem teve 4 filhos e 9 netos.

O “numero 1” dos médicos e intelectuais sergipanos. CRM numero 1, foi um dos fundadores do Conselho Regional de Medicina, sendo seu presidente, como também o foi da sociedade Medica de Sergipe. Na Academia Sergipana de Letras ocupou a cadeira de numero 1, a de Tobias Barreto.

Com a criação do MAC – Movimento de Apoio Cultural, democratizou a Academia Foi também membro fundador da Academia de Medicina.

Representou a Fundação Joaquim Nabuco em nosso Estado. No Conselho Estadual de Cultura, idealizou o Encontro Cultural de Laranjeiras. Pois bem, não foram poucas as realizações desse filho de Rosário do catete.

Todas as homenagens prestadas por ocasião de seu falecimento foram muito poucas para seu merecimento.

Pena, pois nunca mais haverá outro igual, nunca mais haverá outro ANTONIO GARCIA FILHO.

DR. BENJAMIM ALVES DE CARVALHO

Nasceu na fazenda São Bento, situada a margem direita do rio Real, na divisa dos Estados da Bahia com Sergipe no Município de Rio Real, Bahia no dia 02 de setembro de 1904, filho de Dr. Bento Alvino de carvalho e Stael Souza Dantas de Carvalho.

Dr. Bento Alvino Dantas de carvalho (Dr. Bentinho), foi Juiz de Direito e era filho da região sendo seu avo paterno Benjamim Alves de carvalho que era Bacharel em Direito formado pela faculdade de Direito do Recife. Seu tio avo, Dr. Antonio Alves, era médico e foi o inspirador da preferência profissional e gosto pela medicina do Dr. Benjamim.

Numa família de tantos bacharéis, quase a unanimidade, a medicina seria uma exceção e um privilegio.

Stael Souza Dantas de Carvalho era filho do coronel Otavio Souza Leite, tradicional Chefe político na região e com influencia em ambos os estados, da Bahia e de Sergipe.

Menino de fazenda aprendeu desde cedo a amar a natureza e todos os seus feitiços de quem jamais ao longo de sua vida se separaria por um instante. Seu amor pela vida do campo era fonte permanente de vários sonetos e poesias, retratando com sentimento as circunstancias da vida rural e da família. Deles os mais conhecidos são “A Seca” e “A Hortência”.

Seus conhecimentos iniciais, alfabetização e estudos foram orientados por sua avo, “Vovo Dantinhas”, filha do Barão do Rio real. Ela morava na fazenda Bons Ares, próxima à fazenda são Bento. O menino “Mimim” ia todos os dias aprender a ler, levado por tio Roja, – escravo alforriado a que passou a usar o sobrenome Carvalho pela amizade e respeito que lhe devotava toda a família. Vindo da capital e mesmo residindo no meio rural “Vovo Dantinhas” tinha um excelente nível cultural e era ponto de aglutinação da sociedade regional. Tocava piano, falava fluentemente alemão e francês.

Seu processo de sergipanização ocorreria pelas mãos do seu avô, Cel. Otavio de Souza Leite, Chefe político no Governo Valadão. Na companhia do Avo e por sua iniciativa própria pediu ao pai (Dr. Bentinho) para matricular-se no Grêmio Escolar do Professor Desembargador Evangelino de Faro, hoje Colégio Jackson de Figueiredo. Coursou, portanto, aos 12 anos os preparatórios de então em Sergipe.

Realizados os estudos preparatórios foi para Salvador, levado ainda desta vez pelo Cel. Otavio de Souza Leite, onde matriculou-se no Colégio carneiro ribeiro. Ai conviveu mais proximamente com – “Tio Bernardino” – Bernardino Jose de

Souza, bacharel, e historiador – já famoso na intelectualidade da capital. No carneiro ribeiro foi contemporâneo de adalicio nogueira e Rui Santos. Daí, aprovado nos exames, cursou a Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, fundada por D. João VI com quase 200 anos, onde fez seu curso médico, formando-se em 27 de dezembro de 1927.

De sua turma de 104 jovens médicos fazem parte ilustres profissionais de hoje daquela conceituada Escola. Nomes como Jose Silveira, Hosanha Oliveira, Carlos Moraes, Talles de Azevedo e tantos outros vieram da turma de 1927. Defendeu tese de doutorado “Da resistência dos estados mórbidos à terapêutica e da incurabilidade perante a eutanásia”.

Sua chegada, formado em medicina, à fazenda São Bento foi uma festa para a família, orgulhosa da vitória de Benjamim na capital, como também era um orgulho para a “Furada” e para “Barracão”, nomes antigos da região de Rio Real.

Elegante, boa cultura e bom orador, o jovem médico Dr. Benjamim inspirava-se no tio Bernardino que era o irmão predileto de sua mãe Stael nos arroubos da palavra. Em derredor da mesa da fazenda São Bento foi saudado por Bernardino em discurso primoroso e clássico.

A família era e seria sempre uma peça importante nos rumos do Dr. Benjamim Carvalho.

Dizia sempre que as bases angulares de uma família sólida estão assentadas no ideal e no exemplo.

Em marco de 1928, no governo do Dr. Francisco Góes Calmon, assumiu a primeira responsabilidade profissional sendo nomeado médico na Secretaria de Saúde publica do Estado da Bahia para chefiar uma comissão encarregada de combater surto violento de febre tifóide na cidade de Inhambupe, no nordeste

baiano, Concluída a missão desligou-se da Secretaria de Saúde e foi rever Aracaju em viagem de férias. Voltou a Aracaju em 16 de setembro de 1928, justamente quando era inaugurado o parque “Teófilo Dantas”.

Quis assim o destino reencaminhá-lo para Sergipe.

Por sugestão do seu parente e amigo Desembargador João Dantas Martins dos Reis, foi aconselhado a visitar a cidade de Capela “Princesa dos Tabuleiros” de onde havia saído o seu irmão médico Dr. Fiel Dantas.

Eram os idos de 1928 quando prestou os primeiros serviços médicos profissionais no Município da Capela. Aí permaneceu até 1932.

Em Capela fez excelentes amizades que ficariam para sempre na sua lembrança e nas crônicas da cidade, Honorino, Nicanor, Dudu, Clodoaldo Barreto, Ariovaldo e Juarez Leal, foram amigos inseparáveis feitos pela medicina, nas competições e nas famosas serenatas da Capela, com Ezequias e Mestre Feijó.

Convocado pelo Governo do estado de Sergipe em 1932, presidido a época pelo Interventor General Maynard Gomes e através do Dr. Ávila Nabuco segue com as tropas militares do Estado, como seu médico, para as frentes de batalha em São Paulo na Revolução Constitucionalista.

Sua viagem deu-se a bordo do naviozinho Comandante Nascimento. Pela condição de médico foi promovido a Capitão.

Conta Dr. Benjamim Carvalho em relatos e discursos feitos que a balastrada da rua da frente de Aracaju estava apinhada de gente balançando lenços brancos e acenando com gestos de carinho e muita saudade.

Vitoriosa a legalidade, de lá retornou carregado de entusiasmo pelo seu país e pelo Estado que adotara como seu

De regresso abre seu consultório médico em Aracaju, especializando-se em

dermatologia e vias urinárias. Em 1934 i ao Rio de Janeiro realizar cursos de especialização onde ficou por seis meses.

Foi médico do IAPB – Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários, iniciando seus serviços em 1938.

Fundou com Dr. Rodolfo Barreto o laboratório de Análises Clínicas “Benjamim Alves de Carvalho”.

Foi professor e médico desde 1943 do Colégio Agrícola “Benjamim Constant” em Quissamã.

Foi convidado em 1945 pelo Dr. Augusto César Leite, até então o primeiro e único Diretor do hospital de Cirurgia, para sucedê-lo na direção da “Jóia mais preciosa do grande e abnegado médico sergipano e responsável pela maior e melhor assistência médica daquela época” como se referiu ao Dr. Augusto Leite e ao Hospital de cirurgia em pronunciamento feito na Assembléia Legislativa do estado de Sergipe.

Foi seu companheiro de diretoria o Dr. Oscar nascimento.

Com a redemocratização política do País, candidatou-se a deputado Estadual pela antiga UDN, tendo sido eleito e participado da elaboração da carta constitucional do estado de Sergipe ao lado de grandes sergipanos como Francisco Souza Porto, Seixas Dória, Jocelino de Carvalho, Armando Rollemberg, Renato Cantidiano, Orlando Dantas, Manuel Ribeiro, Edésio Vieira de Melo, Armando Domingues e muitos outros.

Os canais estão aí para ilustrar os grandes e importantes debates da época.

Foi ainda em eleição subseqüentes candidato a Vice-Governador do estado e a Deputado Federal.

Em 1958, no Governo Leandro Maciel, é convidado e aceita o cargo de Secretário da Saúde, realizando com companheiros médicos, como Lourival Bonfim e Airton Teles, a melhoria e a ampliação dos

serviços de saúde pública, especialmente de tuberculose, sífilis e lepra.

Levou ao interior do estado o serviço de saúde do SESP, que até hoje beneficiam milhares de sergipanos.

Em 1952 quando das comemorações dos vinte e cinco anos de formado em medicina e durante as manifestações de regosijo da classe médica e da sociedade sergipana lança a idéia e a semente da criação da Faculdade de medicina de Sergipe.

No ano seguinte em 1953 fiel e afetivo aos ideais da medicina e mantendo a tradição familiar de fundadores de faculdades e Instituições, – seu tio Bernardino Jose de Souza fundou o Instituto Histórico e Geográfico e edificou a nova Faculdade de direito no Estado da Faculdade de Direito de Sergipe – fundou em sessão solene a Sociedade Civil Mantenedora Faculdade de Medicina de Sergipe, velho sonho de muitos, especialmente de Garcia Moreno. Para tal evento foi importante a participação do Governo Luiz Garcia e do Prof. Antonio Garcia Filho, seu secretário de Educação e Cultura à época. No ano de 1960, precisamente em fevereiro, era realizado o primeiro vestibular de Medicina em Sergipe. Consolidava-se o trabalho do Dr. Benjamim Carvalho.

Em 1965 foi feita a fusão da Sociedade Civil Mantenedora Faculdade de Medicina de Sergipe com Hospital de Cirurgia.

Na Faculdade de Medicina de Sergipe foi Professor de História da Medicina

Em 1963 voltou a ser convocado pelos colegas a assumir a direção do Hospital de Clínicas “Augusto Leite”, tendo permanecido até o fim do seu mandato naquela casa de saúde, tendo como companheiro de administração Dr. Waldir Andrade.

Aos 65 anos de idade encerra as atividades do consultório e dedica-se a novas atividades culturais em Sergipe.

Presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe até recentemente, do Conselho Penitenciário do Estado de Sergipe.

Foi um apaixonado do campo e por isso aproveitou os dias de sua vida numa constante atividade rural, semeando novas idéias na pecuária e incentivando familiares e amigos ao trabalho por um Brasil melhor. A síntese do seu trabalho na pecuária esta na fazenda Canabrava de sua propriedade. Escreveu Dr. Benjamim em um dos seus discursos proferidos a sociedade sergipana sobre sua atividade no campo “Mergulhando as mãos na terra das plantações e vendo surgir dela o produto do trabalho que a fecundou, sinto-me um homem realizado porque me reencontrei comigo mesmo”.

Em 21 de dezembro de 1935 casou-se com D. Hortência Rollemberg da Fonseca Carvalho, filha do grande médico de Sergipe Francisco Quintiliano da Fonseca (Dr. Fonseca) e de D. Maria Rollemberg da Fonseca.

D. Hortência Carvalho e Presidente há muitos anos da Legião de Combate ao Câncer, prestando inestimáveis serviços com outras Senhoras da sociedade sergipana aos doentes carentes e necessitados de nossa comunidade.

Do seu casamento nasceram os filhos Francisco benjamim Fonseca de carvalho, advogado, casado com Márcia franco de carvalho, Bento Alvino Fonseca de Carvalho, advogado, casado com Maria da Conceição Moraes de carvalho, Luiz Benjamim Fonseca de Carvalho, advogado, casado com Maria Augusta Garcez de carvalho, Maria Hortência carvalho da Cruz, casada com Jose Francisco Barreto Sobral e Maria Stael carvalho da Cruz, casada com Carlos Rodrigues Porto da cruz.

A família ampliou-se ainda com a presença de quinze netos e de três bisnetos.

Tem trabalhos escritos de medicina, discursos políticos, poemas e sonetos. Foi agraciado com o Título de Cidadão de Aracaju e de Cidadão sergipano, respectivamente pelas Câmara de vereadores de Aracaju e Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe.

Em outubro de 1978 ao receber a medalha comemorativa dos 50 anos de profissão médica, Dr. Benjamim assim se expressou “Cada um de nos tem o seu Canto de Cisne, – como que anunciando nevoas do passado, claridades do presente e dúvidas do futuro – e sabemos, por igual, que o destino de cada qual não vem escrito nas formulas dos adivinhos. Terá isto sim, de ser forjado em meio aos arrecifes de uma luta multifacetada, na qual o homem deve fazer de si um instrumento de fé”.

Agora no dia 20 de setembro deste ano corrente depois de ter completado 91 anos de faleceu Dr. Benjamim Alves de Carvalho tendo coroado sua vida profissional de médico, de chefe de família, de cidadão brasileiro e sergipano numa vida voltada para um ideal e carregada nas tintas de exemplos que honram seus descendentes e sobretudo seus amigos e cidadãos. Foi sepultado na cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe.

Aracaju, 30 de setembro de 1995
Medalha Aperipê – Outubro de 1994 –
Governo de Sergipe
Grau Comendador
Março de 2004 – Medalha Serigy –
Prefeitura de Aracaju
Grau: Comendador

SONETO

A SECA

Benjamim Alves de Carvalho
São Bento – 1932

Dias quentes, vagos, empoeirados,
Vão passando em tétrica arrancada,
A vergastar os cardos desmaiados,
Sobre a aridez da terra malsinada.

A beira dos açudes tão minguados
Enfileira-se triste a passarada.
Vaqueiros de plangentes aboiados
Tangem o gado em busca da aguada

Tropegamente o gado vai mugindo,
Farejando os campos requeimados
E sentindo que a bebida vai fugindo,

Vai trotando em busca da miragem
Até cair – visão dos enganados,
É tudo pó, tristeza, e só voragem.

SONETO A HORTENSIA

Benjamim Alves de Carvalho
Canabrava – 26/04/1980

“Olhando dentro de mim e espraiando a vista pelos campos que cultivei por tantos anos da Canabrava, deixei aflorar sentimentos aqui expressos aqui nestes versos.”

Que mais eu poderia desejar
Deste mundo cheio de ilusões!...
Além de poder a vida terminar
Sem ódio, com amor, sem ambições.

Chegando ao fim quero voltar
Na direção das velhas moradias
Para colher lembranças e matar
Velhas saudades sempre fugidias.

Enchendo assim a alma com emoção
Das coisas vividas no passado

Vou dando guarida no velho coração
A tudo que meu Deus me tenha dado

Amo a vida, sempre apaixonado
Pela natureza – criação divina
Apesar de palco sofrido e conturbado.
Pelo egoísmo do homem que a malsina.

**ENTREVISTA COM DR. OSVALDO
DE SOUZA, DR.
CLEOVANSÓSTENES PEREIRA DE
AGUIAR**
ENTREVISTADOR:
**REGINALDO PEREIRA DE
ANDRADE**

Observações:

Foram feitas duas entrevistas, uma com Dr. Osvaldo de Souza e a outra com o Dr. Cleovansóstenes Pereira de Aguiar .

Para não tornar o trabalho muito prolixo, achei por bem reproduzir o teor da entrevista de Dr. Osvaldo, primeiro entrevistado, fazendo constar, após essa exposição, dados biográficos do segundo entrevistado, Dr. Cleovansóstenes.

Na exposição feita em classe, como não dispunha de muito tempo, limitei-me a enfocar dados biográficos das duas personagens entrevistadas, passando, na íntegra, através de gravação, as duas últimas perguntas formuladas aos mesmos, com as suas respectivas respostas.

Aracaju/ 2000

Introdução

Dr. Osvaldo, a entrevista que pretendo realizar com o senhor faz parte de uma das avaliações da matéria “História da Medicina”, ministrada pelo ilustre professor Dr. Henrique Batista e Silva. Para esta entrevista, procurei elaborar algumas perguntas cuidadosamente, pois

a mesma será apresentada aos demais colegas da disciplina. Tenho certeza de que o senhor, como figura exponencial da medicina sergipana, muito nos enriquecerá com esta entrevista, pela exposição de sua longa vivência e ampla visão da ciência médica.

Então, vamos às perguntas:

Nome:

Osvaldo de Sousa

Data e local de nascimento:

13/02/1917, na cidade de Salvador/BA

Filiação:

José de Sousa e Josefina Margarida de Sousa

Onde o senhor cursou a Faculdade de Medicina?

Na antiga Escola de Medicina da Bahia, a primeira faculdade fundada no Brasil.

O que o atraiu para a Medicina?

Tenho dois motivos: em primeiro lugar, ainda menino, fui beneficiado, juntamente com a família, por médicos amigos que nada cobravam de meus pais. Em segundo lugar, andava sempre com uma faca e palito, com os quais dava injeção nas bonecas de minhas irmãs. Eu não sei se estava repetindo ou imitando o que faziam os médicos ou, talvez, essa inclinação já fosse uma tendência natural para abraçar a profissão.

Qual a sua especialização?

Ortopedia e Traumatologia

Por que escolheu este ramo da Medicina?

Inicialmente, trabalhava em cirurgia geral, no Hospital Santa Isabel, em Salvador. Depois, sendo solicitado pelo meu chefe para ajudar a um colega ortopedista, que estava trabalhando sozinho, sem estudante sequer para auxiliá-lo, resolvi atender ao seu apelo; gostei e especializei-me nessa área.

Sente-se realizado com a sua escolha?

Eu me sinto à vontade por ter feito essa escolha e não tenho dissabores nem

decepção com minha habilidade profissional nem com a prática médica.

No exercício da Medicina, o que mais o gratifica?

O sucesso do tratamento, a cura do doente e o restabelecimento da função do aparelho locomotor.

Como o senhor vê o avanço da tecnologia na Ciência Médica, do ponto de vista humanístico? Qual a sua opinião quanto à aplicação da Genética?

A tecnologia avançou bastante na ciência médica, para melhoria das condições humanas. A Genética tem papel importante nas atividades médicas, em especial, na Ortopedia. Através dela, por exemplo, pode-se prevenir e corrigir possíveis defeitos, como limitação de movimentos, etc.

Dá-se tanta importância à Genética que, na Escola Paulista de Medicina, toda quinta-feira, há um serviço especial no Ambulatório, voltado para problemas genéticos.

É mais fácil estudar Medicina hoje ou foi na sua época?

As dificuldades, para mim, são as mesmas. É verdade que, em função do maior número de Escolas, atualmente, há maior facilidade de ingresso em uma faculdade. Enquanto, no meu tempo, só havia Faculdade de Medicina na Bahia, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, hoje, há mais de oitenta Escolas Médicas. Convém ressaltar que, naquela época, o ensino era totalmente gratuito; os alunos só tinham despesa com os livros e com o pagamento de uma taxa de inscrição.

Dr. Osvaldo faz parte do grupo de fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe?

Com muita honra, fui um dos dez fundadores da Faculdade de Medicina. Eu, Benjamin Carvalho, Fernando Sampaio, Canudo Garcia Moreno,

Antônio Garcia Filho e mais outros, propusemo-nos fundar a Faculdade. Contamos com o apoio do Governador Luiz Garcia e de seu sucessor. Por outro lado, contamos também com a resistência de muitos médicos e alguns políticos. Após três anos de luta, a Escola é fundada. Para tristeza nossa, o Ministro da Educação da época comunica-nos que a Faculdade estava fundada, mas não iria funcionar, porque o Governo não tinha dinheiro para pagar aos professores. O grupo retruca, dizendo ao Ministro que se prontifica a ensinar de graça. Decorridos dois anos essa equipe de professores é novamente abordada pela autoridade máxima da pasta da Educação, desta vez, dizendo que pagaria aos professores da Escola, recém-fundada, porém, só a partir daquele momento, sem os atrasados. Este fato é curioso, tendo sido registrado, pois a Faculdade de Medicina de Sergipe foi a única do país que começou com o curso gratuito.

Como professor, o que pensa sobre o ensino da escola médica em Aracaju, atualmente?

Atualmente vai muito bem. Em todas as cadeiras, há professores competentes e com muita experiência. Como ex-professor, não vejo ponto negativo no seu funcionamento e na atual composição do corpo de professores.

Como analisa a situação do profissional da Saúde, na atualidade?

É com tristeza que vejo o descaso das autoridades para com saúde. Basta considerar a irrisória e insignificante importância que o INSS paga por uma consulta médica, que não chega a R\$ 5,00. Veja, por exemplo, o quanto ganha um jogador de futebol, um cantor, um ator de novela! Não é desmerecendo a atividade que os outros desempenham. Mas a classe médica, que cuida da saúde, deveria ser melhor reconhecida, pois ninguém vive bem sem saúde. Não há no

Brasil o respeito e consideração para com a nossa classe, como ocorre, por exemplo, nos EUA, na Inglaterra, França, Alemanha e Argentina.

Além das atividades médicas, exerceu cargos correlatos com a Medicina?

Fui chefe do Departamento de Cirurgia, durante seis anos, Membro do Colegiado de curso, fiz parte do Cônsul, além da cadeira professoral.

Quais os fatores que mais contribuíram para o seu sucesso profissional?

Em primeiro, minha crença em Deus. Segundo, o respeito para com meus doentes e, em terceiro lugar, a avaliação que fazia todos os anos da minha atuação, para evitar concorrência desleal com quem se aperfeiçoava.

No seu conceito, Dr. Osvaldo, qual a importância da Sociedade Médica?

A Sociedade Médica é um núcleo onde se agregam os médicos de cada Estado, para discutir os assuntos atinentes à mesma, como especializações, reivindicações, bem como assuntos que objetivam melhorar os conhecimentos da classe.

O ilustre médico é membro da Academia Sergipana de Medicina? Qual a importância do título para o senhor?

Sou um dos fundadores. A importância do título consiste na responsabilidade que assumimos em zelar pela preservação do nome da Medicina de Sergipe e lutar pelo seu aprimoramento.

E Dr. Osvaldo cidadão, como vê o país, em relação à saúde?

É outra coisa que respondo com muita mágoa. Há um descaso para com a Saúde Pública no Brasil. Em que pese tenha sido criado o CPMF, não se sabe, até hoje, que percentagem do dinheiro arrecadado é destinado à Saúde. O Instituto de Previdência não tem medicamentos. Postos não fechados, por falta de médicos, de remédios. Isso é uma

maneira desleal de tratar uma população como a nossa.

Que conselho daria aos doutorados e jovens médicos para bem exercerem a profissão?

Primeiro, que eles procurem se atualizar freqüentemente. Segundo, que procurem se harmonizar com os outros colegas, a fim de que a classe seja respeitada. Terceiro, que eles respeitem o Código de Ética, para que não deixem que a população ponha má fama na Sociedade Médica, que é tão honrosa para quem serve e sabe defendê-la.

AGRADECIMENTO

Ao término desta entrevista, gostaria de agradecer-lhe a gentileza e amabilidade com que me recebeu.

A riqueza de informações que acaba de nos proporcionar é como que uma dádiva que nos concede, no limiar desse Novo Milênio. Aproveitando o ensejo, quero desejar-lhe, em nome próprio, do Prof. Dr. Henrique e da turma de História da Medicina, um felicíssimo Ano de Graça do Senhor, votos estes extensivos aos seus caros familiares.

Muito obrigado, Dr. Osvaldo!

DADOS BIOGRÁFICOS DO DR. CLEOVANSÓSTENES

Nome:

Cleovansóstenes Pereira de Aguiar

Data e local de nascimento:

16/08/1926, na Usina Utinga Leão, município de Rio Largo, Estado de Alagoas.

Filiação:

Rafael Pereira de Aguiar e Laura de Aguiar (ambos já falecidos)

Local onde cursou a faculdade de medicina:

Em Recife, no período de 1948-1953, na UFPE.

Obs.:

1. No primeiro ano, o Curso foi pago; a partir do segundo ano, foi federalizado, passando o estudo a ser gratuito.
2. Na época, não havia Escola de Medicina em Alagoas.

Atração pela Medicina:

O pai era farmacêutico e tendo acesso ao local de trabalho do seu genitor, mostrou-se interessado e curioso no trato com os medicamentos, decidindo-se por fazer Medicina.

Especialização:

Logo depois de formado, foi trabalhar no SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), Órgão do Ministério da Saúde. O Serviço do SESP compreendia Clínica Geral e Medicina Preventiva, principalmente, Saúde Pública. Seu primeiro emprego exerceu no município de Gararu, no Estado de Sergipe, em 1954. Dedicou-se mais ao Sanitarismo (tendo feito este curso, posteriormente, em 1979, em Brasília). Depois, foi trabalhar na SUCAN.

Fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe:

Ocorreu em 1961, formando-se a primeira turma em 1966. Faz parte do grupo de fundadores da Faculdade, integrando a Cadeira de Parasitologia. Foi Professor da Faculdade por 30 (trinta) anos.

Atividades correlatas com a saúde:

Foi chefe do Posto de Saúde de Riachuelo, chefe da Seção de Epidemiologia da Base de Campos da SUCAM e Diretor Regional da SUCAM, durante certa fase.

Obs.: Fora da área da saúde, a convite de um amigo seu, Dr. Paulo Barreto de Meneses, Governador do Estado de Sergipe àquela época, exerceu o cargo de

Prefeito da Capital, administrando-a por 4 anos e 6 dias.

Academia Sergipana de Medicina:

Foi um dos seus fundadores, tendo sido escolhido pelo grupo para assumir o cargo de Presidente, constituindo-se o primeiro Presidente da Instituição.

HUGO GURGEL

Pioneiro na obstetrícia

Profissional há 52 anos, foi o primeiro a fazer parto cesário

Natural da cidade de Lavras da Mangabeira, no estado do Ceará, Hugo Bezerra Gurgel nasceu a 28 de agosto de 1922. Filho do comerciante José de Aguiar Gurgel e de Dona Maria Bezerra Gurgel, com o querido pai aprendeu que é preciso o máximo de todos os esforços para cuidar da educação dos filhos. Da exemplar mãe que teve, herdou o temperamento de brandura e paciência.

Os primeiros estudos aconteceram na sua cidade natal, complementados com o curso ginásial como aluno interno do Colégio Cearense, na cidade de Fortaleza. Pela presença do primo Honório Bezerra, estudante de Engenharia na cidade de Salvador, aliado à determinação de partir para uma carreira profissional fora do Ceará, por terríveis cenas que presenciou ainda menino – da seca de 32 que aniquilou o Estado – deixa seu estado de origem e parte para a Bahia, já pensando em se preparar para fazer o vestibular de Medicina. Chega na terra dos santos e mil e um axés em 1946.

Da seca de 32 no Ceará: “Isso me impressionou muito. À medida que ia crescendo, eu ia dizendo que jamais eu me formaria para trabalhar no Ceará”.

Do desejo de ser médico: “Veio naturalmente. Na minha adolescência sempre admirei muito o médico. Com essa admiração veio a vocação. Naquela

época, se tinha um médico, sobre tudo numa cidade do interior, com muito respeito. De qualquer maneira, ele era um ídolo. Realmente, e uma profissão que só faz mesmo servir o ser humano”.

Hospedado em república na proximidade do bairro Rio Vermelho, para garantir despesas com livros e até mesmo de cunho pessoal, passa a dar aulas particulares. Antes de chegar na Universidade faz dois complementares (já que na época não existia o curso científico) no Colégio Marista. Defronta-se com o vestibular em 1940 e sente o sabor da vitória na publicação do resultado.

Formado em 1946 tem espaço de trabalho garantido na cidade de Aracaju por fato interessante da sua vida. Primeiramente estava disposto a começar vida de médico na cidade de Curitiba, inclusive já tinha feito contato com companheiros de faculdade que também estavam dispostos a acompanhá-lo, além de dispor de uma certa economia, pois em todo momento em que morou em Salvador ficou restrito aos estudos e ao trabalho de residente.

“Nunca fui a um carnaval e só tomei férias duas vezes. Era dedicado exclusivamente à Medicina”.

Dez dias antes de se formar, pela visita a Salvador do médico Benjamim de Carvalho, então diretor do Hospital de Cirurgia de Aracaju, ao médico Almir Oliveira, professor de Obstetrícia e também diretor da Faculdade da Maternidade, Climério de Oliveira, à procura de um médico para atuar na Maternidade sob seu comando, Hugo recebe indicação do seu mestre, amigo e ídolo. A proposta partida do seu querido professor e veiculada com mais promessa, tornou-se irrecusável. Curitiba ficaria para outra oportunidade.

“O professor Almir de Oliveira que era o meu pai, me convenceu quando me disse: Você vai morar em Aracaju, vai morar

numa maternidade para ser o médico residente, faça a sua tese e com seis meses você volta a Salvador para apresentá-la que eu vou ser o responsável pela direção.” Como conquistar um mestrado naquele momento era um momento palpável, tornou-se um argumento que realmente me convenceu, já que não iria sair de Salvador para uma aventura. Quatro meses depois ele morreu e eu por aqui fiquei”.

Formatura acontecida no dia 11 de dezembro de 1946 e chegada em Aracaju para trabalhar na Maternidade Francino Melo, do Hospital de Cirurgia, no dia 10 de janeiro de 1947.

Sua permanência em Aracaju foi garantida por uma boa receptividade e perspectiva de uma carreira promissora pelo campo de trabalho completamente aberto.

“Verifiquei que a Obstetrícia ainda não estava atualizada, porque Dr. Augusto Leite era forçado a fazer, na qualidade de cirurgião, intervenções. Eram mais clínicos gerais. O primeiro médico obstetra, mesmo, fui eu”.

A permanência como médico residente durou dois anos e alguns meses, em vista da montagem do primeiro consultório na Rua João Pessoa, edifício da Casa Cristal. Não teve problema de conquistar uma razoável clientela de imediato, pois só assim procedeu na mudança de vida profissional, após um bom tempo de residente, fortalecido pelo conceito que tinha perante a classe médica, responsável por inúmeras indicações. Ainda tinha, como compensação, ser muito jovem, não namorar ninguém, nem frequentar nada, já que seu tesão permanente era a Obstetrícia. O tempo de folga da época de solteiro era preenchido com animadas conversas acontecidas na ponte do Imperador, com dois amigos que conquistou: Lauro Porto e Clovis Conceição.

É testemunho vivo de todo o processo da obstétrica em Sergipe, sendo o primeiro obstetra a fazer cesárea em Sergipe.

“O Dr. Augusto Leite era quem fazia as cesáreas. A técnica dele era superada. Quando eu acabei de fazer a primeira em Sergipe, fazendo uso da experiência de outras do tempo da Maternidade de Salvador, Dr. Augusto chegou e me disse: eu senti um alívio, pois para mim era um sacrifício muito grande”.

Hugo dá continuidade a sua clínica, em sala que adquire no Edifício do Hotel Palace. Passa a trabalhar no IAPC, conquista o emprego por concurso e segue em frente sua carreira.

Dispondo de uma clínica de muito movimento, pensa na possibilidade de partir para um empreendimento via construção. Em sociedade com o sogro Manelito Aguiar, o amigo e médico Gileno Lima e mais outro, Ciro Tavares, concretiza o sonho com a inauguração da primeira clínica particular em Sergipe, exclusivamente para obstetrícia e ginecologia.

Mais adiante se retira da sociedade e monta a Clínica Santa Helena, agora com participação exclusiva da família.

Fez parte da fundação da Faculdade de Medicina de Sergipe e teve na Faculdade uma outra história de vida. Só deixou a sala de aula por conta da aposentadoria.

Tem título de Cidadão Sergipano e Aracajuano e faz bom proveito dos tempos de folga para desfrutar da fazenda de coco que possui na foz do Rio São Francisco.

Foi fundador da Sociedade Médica de Sergipe e seu presidente por dois períodos; presidente do Clube dos Médicos e o primeiro presidente do Conselho Regional de Medicina.

O consultório, clientela e tudo mais, passou para a filha Eline: “Ter uma filha como continuadora do meu trabalho é um orgulho”.

Casou com Lúcia Menezes em 1952. É pai de quatro filhos: Eliane, Eline, Ana Paula e Hugo Filho. Tem 11 netos e uma bisneta.

Tem como genros Marcelo, Josan e José Augusto; como nora tem Sílvia.

NESTOR PIVA

Nascido em Salvador – Bahia no dia 13/06/1930.

Filho de Alberto Piva e Laura Piva, operários da Tecelagem Matarazzo no ABC paulista (São Bernardo).

Curso ginásial e científico (atual 2º grau) no Ginásio da Bahia.

Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia – 1954.

Curso de especialização em Histoquímica na Universidade de Paiva – Itália – 1961.

Defesa de Tese de Doutorado na U. F. Bahia (Menção 10) em 1961.

Curso de Especialização em Histoquímica no Instituto Nacional de Saúde (NIH) – Bethesda – Maryland – USA – 1955 – 1956.

Professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade da Paraíba, onde organizou o laboratório da cadeira – 1955.

Professor de Histologia da Faculdade de Medicina da UFS, 1961 a 1965.

Professor de Patologia Geral da UFS.

Professor de patologia especial da UFS – de 1963 até a aposentadoria, em 1992.

Chefe de Departamento, Diretor do Instituto de Biologia, Coordenador de Área, Pró-Reitor de Graduação e Vice-Reitor da UFS.

Organizador e chefe, por concurso, do Laboratório de Anatomia Patológica do Hospital das Forças Armadas – Brasília – 1972-1974.

Professor Adjunto de Patologia Especial da Faculdade de Ciências Médicas da UNB – Brasília – 1974-1976.

Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia – 1989-1990.

Membro da Sociedade Brasileira de Patologia, Sociedade Brasileira de Citologia, Associação Brasileira de Ensino Médico, Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, International Society of Patology, Societa Italiana de Istochimica.

Secretário de Educação do Estado de Sergipe – 1970.

Participação em vários congressos nacionais e estrangeiros de Patologia.

Publicação de 58 trabalhos na especialidade em Revistas e Estrangeiras.

Título de Cidadão Sergipano – 1971.

DR. PIVA (Em 30/09/2004)

O ditado popular e as boas regras de comunicação social dizem que a primeira impressão que se tem de uma pessoa é marcante. A primeira impressão que tive do Dr. Piva foi definitiva. Naquele memorável ano de 1965, eu era seu aluno do 1º ano do curso de Medicina, disciplina Histologia e Fisiologia, cujas aulas eram ministradas no andar superior do bloco de Patologia do Hospital de Cirurgia, onde o curso era realizado.

Sua figura, ao mesmo tempo ativa e elegante, magnetizava nossas atenções, conduzindo-nos nos meandros dos processos fisiológicos do funcionamento das células, e dos segredos da embriogênese humana.

As janelas do recinto abriam-se para a Rua Permínio de Souza, de cujas casas podíamos ouvir a música “Da ta me um martelo” da jovem cantora italiana.

Eram os tempos que se tornariam virtuosos, de revolução musical dos Beatles, da Jovem Guarda, do Cinema Novo, da rebeldia da juventude transviada de James Dean e dos loucos e revolucionários anos 68, e de tantos outros momentos da juventude.

Outros professores faziam parte do 1º ano de Medicina: Lourival Bomfim (Bc. Física), Osvaldo da Cruz Leite (Anatomia Descritiva) e Antonio Garcia Filho e José Nelson Rocha (Bioquímica).

Daí em diante acostumamo-nos com seu jeito especial de nos tratar, cavalheiro, educado que nos parecia distante, mas ao nos aproximarmos era alegre, espirituoso, expansivo, amigo, nos momentos de descontração. Contraído e responsável na arte de ensinar, descontraído na arte de conquistar amigos e ensinar humanismo. Lastreadas por princípios éticos, suas aulas se aproximaram bastante da perfeição pedagógica, fundamentadas nos mais atualizados conhecimentos científicos. Posteriormente meu pai, Abdias, que trofou no Serviço de Patologia, dizia-me com admiração, todas às vezes, momentos antes das aulas, ele se preparava em sua sala de laboratório.

Precisão científica, dedicação ao ensino, ardor e entusiasmo ao transmitir seus conhecimentos. Radical em seus depoimentos em defender seus pontos de vista, muitas vezes provocou contundências, debates acalorados e embates vigorosos entre seus pares, no Departamento de Medicina Hospital de Cirurgia.

Personalidade forte, não mudava de opinião quando convencido dos seus argumentos, somente o fazendo quando lhe demonstravam que a verdade era outra.

Apesar de ser político antolítico, não se encontrava para as representações políticas partidárias, mas foi um ardoroso defensor da lei, sendo fundador dos direitos e deveres do médico, tendo exercido a primeira presidência do Sindicato dos Médicos de Sergipe.

OSVALDO LEITE: UM MÉDICO HUMANISTA

Seguiu o mesmo caminho do pai, o médico Augusto Leite: fez da sua profissão um sacerdócio.

Sergipe perdeu um dos seus grandes filhos na manhã da terça-feira, 18 de janeiro: Osvaldo Leite, um médico que deixou um legado da prática de uma Medicina Humanitária, diante da sua história de vida, toda ela repleta de exemplos dignificantes, não só para seus familiares, como para o nosso Estado. Tendo em vista o seu grande valor, transcrevemos a reportagem especial que marcou seus 80 anos, publicada na edição de 31 de março de 96.

A história de uma vida de amor ao próximo, revelada por uma vida pautada pela honestidade profissional, de um médico que nunca procurou saber quem era e que recursos tinha o paciente, colocando em primeiro lugar a prática da Medicina Humanista. No Hospital Cirurgia, uma dedicação exclusiva que fez de Osvaldo Leite um monumento vivo de um hospital que completa 70 anos no mês de maio.

Osvaldo da Cruz Leite é daqui de Aracaju e já chegou de bem com a vida, no dia 30 de março de 1916, transbordando de felicidade seus pais: Augusto César Leite e Amélia da Cruz Leite.

Filho do fundador do Hospital Cirurgia e mestre da medicina sergipana, revela que colocou como base em sua vida de médico e de homem a honestidade, exemplo passado pelo pai. Dedicação a todos seus entes queridos e uma vida voltada para a prática de bondade são a continuação do que fez sua mãe e que o filho passa adiante com muito rigor.

Dona Bior Cardoso, como professora particular, entrou em sua vida quando tinha seis anos de idade, através de paciência e dedicação nos primeiros momentos de estudo. Dona Leonor Teles

de Menezes e Dona Edite Hora deram continuidade na orientação do curso primário.

Tem lembrança que a infância foi revestida de brincadeiras, pois chegou a ponto de seu pai, no momento de iniciar o curso ginásial, entregar-lhe ao professor Zezinho Cardoso, diretor do Colégio Tobias Barreto com a seguinte observação: “O que fizer de bem feito não preciso saber. O que fizer de mal feito, castigue e avise pra casa, para ter a segunda parte”.

FOI SARGENTO NO TOBIAS BARRETO

Do Tobias Barreto, que na época adotava o regime militar, teve forte recordação por momentos significativos em sua formação moral. “Mesmo com o defeito físico na perna, cheguei a sargento”. Chega a dizer que na juventude, com todos os defeitos, foi um cão. Não foi um bom estudante, mas soube assimilar aulas de mestres que marcaram época na história de educação em Sergipe e que foram seus professores. “Professor Abdias Bezerra, professor Artur Fortes e padre José Augusto Rocha Lima”. Com cinco anos de ginásio e após fazer exames oficiais no Colégio Atheneu, estava apto para fazer o vestibular, seguindo as normas do ensino do seu tempo de estudante.

O banho no rio Sergipe, na chamada Rua da Frente, pulando da ponte do Aurora, foi a válvula de escape da juventude: “Era a distração que a gente tinha”. Chegou a desfrutar de bons momentos em festas realizadas no Recreio Clube e na Associação Atlética, na fase de sua fundação. “Gostava de marchas” (a mulher interrompe o depoimento para dizer que o marido era muito assanhado). O exemplo foi o grande condutor para a Medicina. “Nos éramos os filhos mais novos de papai, pois o mais velho era o

Hospital de Cirurgia. Éramos seis irmãos. Tinha o sétimo, mas este morreu muito pequeno; tinha o nome de Augusto. Seis irmãs: Maria Virgínia, Maria Clara, Maria Augusta e Maria Luiza, Maria Isabel e Maria Amélia”.

FEZ MEDICINA EM SALVADOR

O curso de Medicina foi realizado na cidade de Salvador, na Faculdade de Medicina, em 1933. “Saí de Aracaju no dia 22 de janeiro, para fazer vestibular no dia 03 de fevereiro”.

Em Salvador inicialmente morou na casa de um tio e fez opção por uma pensão na rua General Labatut, número 30, no Barris. Mais adiante, passou para uma pensão localizada na avenida Sete de Setembro.

“Em vez de fazer o curso de Medicina em seis anos, prolongou mais o tempo, por ter feito no Rio de Janeiro uma cirurgia e ao retornar não ter conseguido matrícula, o que lhe deixou desgostoso. Chegou a desistir do curso, ficou em Aracaju e chegou a trabalhar no comércio, como funcionário de Cruz Irmãos & Cia.”. A locomoção era difícil, essa coisa toda. Estava certo de não estudar mais Medicina, mas tinha uma pessoa que todas as vezes que chegava no escritório de Cruz Irmãos me dizia: “Oswaldo, vá estudar, mesmo que você depois de ser doutor deixe de estudar e venha trabalhar”. Você doutor, será mais do que ser sem ser doutor. Quem dizia isso todos os dias era Zezé Garcez. Isso ficou em minha cabeça e num certo dia resolvi voltar. Mesmo trabalhando na empresa do seu tio, no primeiro dia de trabalho recebeu uma missão especial: “Sr. Oswaldo. – Sim senhor. Sabe fazer café – Sei sim senhor, por quê – Aqui é praxe da casa o funcionário mais novo fazer café. Viu – Sim senhor”. Levantei e fui fazer o café.

Com toda vontade de concluir o curso e levando os estudos na maior seriedade, retorna à Faculdade de Medicina em 1938.

FOI MÉDICO EM JAPARATUBA

Saiu de Salvador como médico em dezembro de 1942 e no dia 16 de janeiro de 1943 começa em Sergipe uma vida de Medicina que se tornou um apostolado. “Papai me deixou no Hospital de Japaratuba num dia de sábado, dia de feira, para começar a trabalhar. Estivemos no hospital na parte da manhã e fomos almoçar na Usina Oiteirinhos. Na volta, quando vieram me trazer no hospital, a primeira coisa que avistei era um carro de bois parado na porta do hospital. Era um acidentado com a perna quebrada para eu tomar conta, logo no primeiro dia. Aí comecei”.

Passou a morar no hospital. Era o único médico e respondia como diretor. Uma experiência de um significado profissional extraordinário nos primeiros passos da Medicina, sendo de opinião que deveria ser obrigado em início de carreira todo médico prestar serviço passando uma temporada como residente de um hospital. No mês de dezembro passa a ser residente no Hospital Cirurgia, em Aracaju.

OPEROU AO LADO DO PAI

Da pergunta do repórter para falar da emoção de trabalhar numa mesa cirúrgica ao lado do pai, respondeu: “Durante o tempo que passei em Japaratuba, preparava os doentes e no sábado meu pai ia para Japaratuba com minha irmã. Eu operava e ele me ajudava, favorecendo no aperfeiçoamento”.

“Um mestre, um exemplo total. Ainda hoje a gente olha para ele. Toda sua vida foi um exemplo.”

No mesmo consultório do pai, que funcionava na Rua da Frente, atendeu por um período que não foi longo. Em vista das atividades que desenvolvia no Cirurgia, deixa o consultório e passa para a dedicação exclusiva ao hospital.

Em termos de Medicina, toda a sua vida aconteceu no Cirurgia. Continua diariamente indo ao hospital. “O Cirurgia faz parte da gente”.

Foi professor de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Sergipe desde a fundação, em 1961, até o ano em que requereu aposentadoria – 1981. “Deixei de ensinar porque não conseguia mais me adaptar aos estudantes de hoje, quando eu me lembrava que fui um estudante que ia para as aulas de paletó e gravata. Professor entrava e todo mundo levantava. Depois, ser professor e ver o estudante entrar de chinelo, camiseta escavada, sentar atrás e colar as pernas em cima da carteira. Não agüentei”.

PROFESSOR DA FACULDADE DE MEDICINA

De sua passagem pela Faculdade de Medicina, o registro de um mestre que muito fez pelos seus alunos. Todos que não tinham condições financeiras para comprar livros de Anatomia ou de conseguir esqueletos humanos para estudos, recebia a mão amiga do professor Osvaldo. No reconhecimento, foi paraninfo, patrono e homenageado em quase todas as turmas que passaram pela Faculdade. “O primeiro esqueleto da Faculdade de Medicina foi dado por mim. Do esqueleto que papai estudou, algumas partes ainda hoje se encontram na Faculdade”.

Deixou de trabalhar no pronto-socorro depois de longos anos de atuação, marcando plantões noturnos às quintas-feiras, por não aceitar encontrar crianças

sem mãos por causa da exploração de bombas de São João. “Dei plantão na maternidade, dei plantão no hospital”.

Considerado um dos poucos médicos humanistas que ainda existe na Medicina em Sergipe, trilhando no mesmo caminho de seu pai, Augusto Leite, confessa que tem por isso muita satisfação. Sua mulher mais uma vez interrompe o depoimento para dizer que sente muita honra por essa virtude do marido.

Um médico voltado exclusivamente para a saúde do seu paciente, não se preocupando com remuneração. Coisa rara hoje em dia. Dr. Osvaldo sabe bem disso. “Hoje em dia a maioria dos colegas só vêem a remuneração imediata. Ia atender o doente sem saber se pagava ou não pagava. Não sabia nem quem era o doente. Se era pensionista ou se era indigente. Poucos eram os que sobravam para mim. Quando podiam pagar, aparecia sempre um amigo para operar. Mas quando era os indigentes, era eu”.

ATENDEU A MUITOS INDIGENTES

Desses indigentes, pessoas humanas tratadas de forma digna na prática de uma Medicina de forma honesta, exclusivamente humanista, Dr. Osvaldo tem a dizer que com eles foram muitas as alegrias. O reconhecimento veio em forma de amor. Dr. Osvaldo diz que sentiu um reconhecimento muito maior do que aqueles que pagavam. Galinha, queijos, cartas, emocionantes depoimentos revestidos de lágrimas, toda forma de agradecimento. “Quando fiz 70 anos, fiz uma festa que papai sempre desejou fazer e nunca fez: A festa dos afilhados. Convidei todos os afilhados. Dei uma bíblia a cada um”. Da pergunta sobre a quantidade, deu um sorriso. Sua mulher compreendeu e respondeu que foi uma quantidade enorme.

Além do lado de bom samaritano com os pacientes, continuar ajudando ao Hospital Cirurgia, como bem diz, com todos os trancos e barrancos, faz sentir mais emoção no seu dia-a-dia.

É membro efetivo do Conselho Deliberativo do Hospital, que vai completar no dia 2 de maio 70 anos, torna-o um monumento vivo.

“Eu estava dizendo que se brigasse com o hospital e fizesse questão, a justiça daria o hospital de presente para mim. Meu nome consta nos livros do Hospital Cirurgia como ajudante. Lembro-me que a primeira vez que ajudei numa operação no H. C. foi em 1933. Como ordenado do hospital, nunca recebi nada. Recebia cem cruzeiros como médico do pronto-socorro. Mas ordenado mesmo, não. Recebi pagamento de pacientes”.

SOFRE PELO HOSPITAL DE CIRURGIA

Da atual fase do Cirurgia, conta-nos que o hospital em sua história sempre viveu apertado, mas que essa vem sendo difícil, pela sua prolongação. Quando o coração do Cirurgia bate fraco, atinge o Dr. Osvaldo”. “A gente passa muitas noites sem dormir direito”.

Do fechamento do pronto-socorro, uma ferida que vai demorar a cicatrizar: “Fiquei chateado por uma razão muito simples: acho que uma das coisas do hospital, e que os colegas infelizmente não reconhecem, é que papai nunca fechou o pronto-socorro; é a grande escola dos médicos do hospital, não só de clínica, como de cirurgia . É no pronto-socorro que o médico aprende Medicina, porque tem que agir na hora”.

Quando se formou, fez cirurgia geral. No ano de 1957, fez curso de radioterapia, para fazer tratamento de câncer, passando um ano e meio no Instituto Nacional do Câncer. A partir daí abandonou a cirurgia

e passou a trabalhar com radioterapia e oncologia.

Todos os dias está no Hospital Cirurgia e atua como assistente do médico responsável pela bomba de cobalto, Regis Almeida. “A bomba de cobalto foi uma das coisas que conseguiu para o hospital. Foi um trabalho meu”.

A VIDA EM FAMÍLIA

Casou com Marilda Pontual Peres em 29 de dezembro de 1947, na cidade do Recife. Lua de mel em Aracaju, interrompida na primeira noite por ter que ir à sentinela do tio. Do casamento, prefere não dizer nada, depois que ouviu da esposa que ele era um grande amigo, era sua cara metade, razão de felicidade. Não tendo filhos, diz com toda satisfação que é pai de uma grande quantidade de sobrinhos. Pela conquista de muitos amigos, diz que realmente existem muitas pessoas que lhe são gratas.

Agradece a Deus por ter vivido 80 anos, pela vida que lhe deu. A parte de uma religião praticada com fervor vem de sua mãe. É integrante do Movimento de Leigos da Igreja Católica, através do Conselho da Cristandade.

Freqüentou inúmeros congressos de cancerologia internacionais, tendo ido por duas vezes a Moscou, Tóquio e outros países. Não tem nenhuma comenda por parte do estado nem do município. “Nunca me entusiasmei por esse negócio de comenda, não”.

Do Rotary Clube Aracaju, hoje é membro honorário, já tendo passado pela presidência do clube.

Pela importante data, sua mulher Marilda fala do significado da comemoração dos 80 anos. “Ele é um homem extremamente modesto, não gosta de aparecer. Mas não podia deixar de comemorar os 80 anos de Osvaldo, porque ele merece como cidadão, como esposo dedicado. Não

podia deixar de fazer alguma coisa por ele. Mandeï celebrar uma missa em Ação de Graças por ter vivido com ele 48 anos. Nós não tivemos filhos, mas tivemos uma compensação grande, por todos os sobrinhos que são dedicados a ele. Ele foi aquele tio que ajudou os sobrinhos na hora da necessidade. Todos correm pra Osvaldo. Essa virtude, desse desinteresse por essa coisa material que é o meu modo de pensar, a gente se afina muito nisso”.